

Organizadores
CÉSAR COSTA VITORINO
FRANCISCA EUGENIA DOS SANTOS
FLÁVIO DIAS DOS SANTOS CORREIA
TAIRONE ACACÍO COUTO

UMA BREVE CONVIVÊNCIA NO
QUILOMBO
PORTO DA FOLHA-SERGIPE:
REGISTROS DAS IMPRESSÕES



Editora
MultiAtual

Organizadores
CÉSAR COSTA VITORINO
FRANCISCA EUGENIA DOS SANTOS
FLÁVIO DIAS DOS SANTOS CORREIA
TAIRONE ACACÍO COUTO

UMA BREVE CONVIVÊNCIA NO
QUILOMBO
PORTO DA FOLHA-SERGIPE:
REGISTROS DAS IMPRESSÕES



Editora
Miro Atual

© 2025 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Organizadores

César Costa Vitorino

Francisca Eugenia dos Santos

Flávio Dias dos Santos Correia

Tairone Acácio Couto

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/MultiAtual

Revisão: Respectivos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Silvana Maria Aparecida Viana Santos, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, FICS

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V845u Uma breve convivência no Quilombo Mocambo Porto da Folha – Sergipe: registros das impressões / César Costa Vitorino; Francisca Eugenia dos Santos; Flávio Dias dos Santos Correia; Tairone Acácio Couto (organizadores). – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2025. 113 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-6009-198-6
DOI: 10.5281/zenodo.15742652

1. Quilombos. 2. Quilombo Mocambo Porto da Folha – Sergipe. I. César Costa Vitorino. II. Francisca Eugenia dos Santos. III. Flávio Dias dos Santos Correia. IV. Tairone Acácio Couto. V. Título.

CDD: 981.04
CDU: 93

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoramultiatual.com.br
editoramultiatual@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoramultiatual.com.br/2025/06/uma-breve-convivencia-no-quilombo.html>



**UMA BREVE CONVIVÊNCIA NO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA
FOLHA – SERGIPE: REGISTROS DAS IMPRESSÕES**

**UMA BREVE CONVIVÊNCIA NO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA
FOLHA – SERGIPE:
REGISTROS DAS IMPRESSÕES**

Organizadores

César Costa Vitorino

Francisca Eugenia dos Santos

Flávio Dias dos Santos Correia

Tairone Acacío Couto



APRESENTAÇÃO

As pesquisas em quilombos do Nordeste brasileiro, particularmente no Quilombo Mocambo Porto da Folha em Sergipe, têm relevância social porque contribuem para a valorização e preservação da cultura e da história dessas comunidades. Os quilombos são espaços de resistência e luta pela sobrevivência de comunidades negras rurais que, ao longo da história, foram marginalizadas e excluídas da sociedade. Ao realizar pesquisas nesses espaços, os pesquisadores podem ajudar a dar visibilidade às histórias e experiências dessas comunidades, promovendo a conscientização sobre a importância da preservação da sua cultura e identidade.

As pesquisas em quilombos também são fundamentais para a preservação da memória e da identidade dessas comunidades. Ao documentar e analisar a história e a cultura dos quilombos, os pesquisadores podem ajudar a proteger a memória dessas comunidades contra a perda e a distorção. Além disso, as pesquisas podem contribuir para a construção de uma narrativa mais precisa e inclusiva sobre a história do Brasil, destacando a importância da contribuição das comunidades negras rurais para a formação da sociedade brasileira.

As pesquisas em quilombos também podem contribuir para o desenvolvimento sustentável e a inclusão social dessas comunidades. Ao identificar as necessidades e potencialidades dos quilombos, os pesquisadores podem ajudar a desenvolver projetos e políticas que promovam a melhoria da qualidade de vida dessas comunidades. Além disso, as pesquisas podem contribuir para a capacitação e empoderamento das comunidades quilombolas, fortalecendo sua autonomia e capacidade de tomar decisões sobre seu próprio desenvolvimento.

O Quilombo Mocambo Porto da Folha em Sergipe é um exemplo específico de comunidade quilombola que pode se beneficiar das pesquisas. Com uma rica história e cultura, essa comunidade tem muito a oferecer em termos de conhecimento e experiência. As pesquisas realizadas nesse quilombo podem contribuir para a valorização da sua cultura e história, promovendo a conscientização sobre a importância da preservação da sua identidade e memória. Além disso, as pesquisas podem ajudar a desenvolver projetos

e políticas que promovam o desenvolvimento sustentável e a inclusão social dessa comunidade.

Flávio Dias dos Santos Correia (Diretor DCH – I UNEB)

SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA: O PLANEJAMENTO E AS AÇÕES DOS PESQUISADORES DO NGEAALC PARA A VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DAS FOLHAS.....	10
VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA – SERGIPE: O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES.....	13
APRENDIZADOS DA VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA	20
MINHA EXPERIÊNCIA NO QUILOMBO MOCAMBO: A FORÇA E A RESILIÊNCIA DA COMUNIDADE.....	24
VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO - PORTO DA FOLHA/SERGIPE : UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	26
VIVÊNCIAS E REFLEXÕES NO QUILOMBO DO MOCAMBO: UM RELATO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO DE SABERES	38
A EXPERIÊNCIA DE UMA VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO: TERRITORIALIDADE, SABERES, ETNICIDADE E DIVERSIDADE.....	40
MINHA IMPRESSÃO DO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA	48
TROCAS DE CONHECIMENTOS E APRENDIZAGENS ENRIQUECEDORAS: A CULTURA AFRO – BRASILEIRA E O QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA.....	55
RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA	61
ENTRE OLHARES, OBSERVAÇÕES E ESCUTA SENSÍVEL: A PESQUISADORA SABENDO SOBRE A IDENTIDADE DO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA.....	63
CONHECENDO O MOCAMBO.....	75
MOCAMBO PORTO DA FOLHA:UMA EXPERIÊNCIA ENRIQUECEDORA.....	76
PELAS TEIAS DO MOCAMBO	80
IMPRESSÕES SOBRE A VISITA À COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MOCAMBO: O OLHAR DE QUEM ESTÁ DE DENTRO	83
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO QUILOMBO MOCAMBO: UMA IMERSÃO NA ANCESTRALIDADE, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA QUILOMBOLA.....	85
ENFOQUE INTERCULTURAL E ESCOLAS QUILOMBOLAS: ENSINO E APRENDIZAGEM, DIÁLOGOS E SABERES NA OBRA VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS	89



**PARA INÍCIO DE CONVERSA: O PLANEJAMENTO E AS AÇÕES DOS
PESQUISADORES DO NGEAALC PARA A VISITA AO QUILOMBO
MOCAMBO PORTO DAS FOLHAS**

DOI: 10.5281/zenodo.15742165

César Costa Vitorino

Francisca Eugênia dos Santos

Nos dias 29 e 30 de novembro de 2024 e 1º de dezembro de 2024, o Clube Social do Quilombo Mocambo, em Porto da Folha, Sergipe, foi palco de um encontro enriquecedor entre pesquisadores do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estudantes de cursos de licenciaturas da UNEB, campus I e a comunidade quilombola. O evento teve como objetivo promover a troca de saberes e experiências entre os pesquisadores e a comunidade, valorizando a cultura e a história do Quilombo Mocambo.

No primeiro dia do evento, a comunidade quilombola apresentou sua história e cultura ao grupo de pesquisa, destacando a importância da preservação da memória e da identidade quilombola. Em seguida, o Professor Doutor César Costa Vitorino, líder do NGEAALC, compartilhou a experiência do grupo com a "oralvivência" no Quilombo Mocambo. As oficinas de Educação Ambiental e Artesanato Sustentável foram realizadas, proporcionando uma oportunidade para a troca de saberes e práticas entre os participantes.

No segundo dia, os discentes da UNEB apresentaram relatos de experiências bem-sucedidas em projetos de extensão e pesquisa, destacando a importância da integração entre a universidade e a comunidade. As palestras sobre combate ao racismo nas escolas,

gênero e sexualidades, trajetória das mulheres negras e saberes ancestrais foram fundamentais para a reflexão e discussão sobre temas relevantes para a comunidade quilombola.

No terceiro e último dia do evento, realizado na Beira do Rio em 1º de dezembro de 2024, os participantes se reuniram para uma manhã de celebração e reflexão. Após a recepção e boas-vindas, o Professor Mestre Emanuel Magalhães Costa apresentou a palestra "O Corpo em Movimento", destacando a importância dos gestos e movimentos na narrativa das histórias do Mocambo. Em seguida, a apresentação do Samba de Coco emocionou os presentes, valorizando a cultura e a tradição quilombola. Após um breve intervalo, os participantes se reuniram para avaliar as atividades desenvolvidas durante o evento, refletindo sobre os aprendizados e desafios enfrentados. Por fim, o evento foi encerrado com agradecimentos e celebração pela rica experiência de troca e aprendizado entre a comunidade quilombola e os pesquisadores do NGEAALC/UNEB.

A visita ao Quilombo Mocambo foi um sucesso, promovendo a troca de saberes e experiências entre os pesquisadores e a comunidade quilombola. O evento demonstrou a importância da parceria entre a universidade e a comunidade para a preservação da cultura e da história quilombola. Além disso, o encontro proporcionou uma oportunidade para a reflexão e discussão sobre temas relevantes para a comunidade, fortalecendo a luta contra o racismo e a promoção da igualdade racial.

A escuta sensível é fundamental quando se trabalha com comunidades quilombolas, como a do Quilombo Mocambo Porto da Folha. Isso porque essas comunidades possuem uma rica história, cultura e saberes tradicionais que precisam ser respeitados e valorizados. Ao escutar de forma sensível e atenta, é possível compreender melhor as necessidades, desejos e perspectivas das pessoas que residem no quilombo, criando um ambiente de confiança e respeito mútuo.

A escuta sensível também permite que os pesquisadores e profissionais aprendam com a comunidade, reconhecendo a importância da sua participação ativa no processo de desenvolvimento e implementação de projetos e ações. Além disso, a escuta sensível ajuda a evitar a imposição de perspectivas externas e a promover uma abordagem mais contextualizada e apropriada às necessidades e realidades locais. Dessa forma, é possível construir relações mais autênticas e eficazes com a comunidade do Quilombo Mocambo

Porto da Folha, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a valorização da sua identidade cultural.

A dinâmica de grupo realizada no final do evento permitiu que os participantes compartilhassem suas impressões e expectativas sobre o encontro. O encerramento do evento foi marcado pela apresentação do Samba de Coco e pela avaliação das atividades desenvolvidas.

A visita ao Quilombo Mocambo foi um sucesso, promovendo a troca de saberes e experiências entre os pesquisadores e a comunidade quilombola. O evento demonstrou a importância da parceria entre a universidade e a comunidade para a preservação da cultura e da história quilombola. Além disso, o encontro proporcionou uma oportunidade para a reflexão e discussão sobre temas relevantes para a comunidade, fortalecendo a luta contra o racismo e a promoção da igualdade racial.



VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA – SERGIPE: O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES

DOI: 10.5281/zenodo.15742167

Maria de Fátima Araújo Frazão

A realização de um evento no Quilombo Mocambo, localizado em Porto da Folha, Sergipe, foi fundamental para a preservação e valorização da cultura afro-brasileira nessa região. O Quilombo Mocambo é uma comunidade que descende de escravos africanos que lutaram pela liberdade e resistência, e a realização de eventos culturais foi uma forma de manter viva a memória e a identidade desses povos. Ao planejar o evento que celebrou a cultura quilombola, foi possível reunir a comunidade e promover a troca de saberes e experiências, fortalecendo os laços sociais e culturais.

Além disso, o evento no Quilombo Mocambo foi uma oportunidade para promover a visibilidade e o reconhecimento dessa comunidade, que historicamente foi marginalizada e excluída. Ao valorizar a cultura quilombola, foi possível contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que reconhece e respeita a diversidade cultural.

O Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com professores doutores e mestres integrantes do Núcleo, organizou o evento que contou com a participação de discentes de licenciaturas da UNEB, Campus I, Salvador-Bahia. Essa iniciativa permitiu uma troca de experiências e saberes entre a comunidade quilombola e os discentes, contribuindo para a formação de profissionais mais conscientes e preparados para trabalhar com a diversidade cultural e a inclusão. Com isso, o evento se tornou uma oportunidade única para fortalecer a

identidade cultural do Quilombo Mocambo, promovendo a valorização da história e da tradição quilombola, e consolidando a comunidade como um espaço de resistência e preservação da cultura afro-brasileira.

Durante muitas reuniões esboçamos um planejamento da ida ao Quilombo e a possível interação com a comunidade. Resultou, entretanto, na seguinte organização.

PROGRAMAÇÃO

Sexta-feira 29/11/32024

Local: Clube.

19:00 - 19:30: Recepção e Boas-vindas.

19:30 - 20:30: Apresentação Oral da Comunidade Quilombola ao Grupo de Pesquisa NGEAALC; discentes das licenciaturas em Letras e Química da UNEB, campus I.

20:30 – 21:15 - O NGEAALC / UNEB e a experiência com a "oralvivência" no Quilombo Mocambo Porto da Folha – SE.

Professor Doutor César Costa Vitorino - Líder do Grupo de Pesquisa NGEAALC/UNEB; Docente do Colegiado de Letras UNEB/ DCH I; Vice – Coordenador do Projeto Xirê das Palavras - Afonjá PROEX/UNEB; Coordenador da linha de pesquisa 1 do Programa de Mestrado PPGIES/UNEB; Professo Doutor II da FVC.

21:15 - 21:30: Sessão de Perguntas e Respostas/ Encerramento.

Sábado 30/11/2024

Local: Clube Social.

09:00 - 09:10: Recepção e Boas-vindas.

09:15 – 09: 30 – Venha conhecer o meu Quilombo.

Paulameires Acácio dos Santos Melo – Pedagoga; Professora do quadro de efetivos da rede municipal de Porto da Folha; Presidente da Associação do Quilombo Mocambo.

09:35 - 11:00: Atividade 1 - Oficina com Professores.

OFICINA 1 - Educação Ambiental com ênfase na redução de resíduos orgânicos: atividades práticas.

Professora Doutora Maria de Fátima Araújo Frazão – Pesquisadora NGEAALC / UNEB, Docente do Colegiado de Administração UNEB.

OFICINA 2 - Artesanato sustentável: as cores e raízes do Quilombo Mocambo Porto da Folha – SE.

Josias Costa Vitorino – Artesão e Conselheiro Fiscal do IECIS.

11:00 - 11:15: Intervalo.

11:15 - 12:45: Atividade 2 - RODA DE CONVERSA.

Da poeticidade das Letras à Química nossa de cada dia: integração entre discentes da UNEB, campus I, Salvador – Bahia.

Discentes:

Douglas Henrique Santana Santos

Maria Luiza Ferreira dos Santos

Geovana Cristina Cruz de Azevedo

Juliana Venâncio Tavares

Juvenaldo Marins de Oliveira

Iasmim Thainá Conceição do Amparo

Janaina de Aguiar Côrtes

Rubem Silva Sampaio

Maria Luiza Silva dos Anjos

Nicolly Braga Raimundo

Alana Nunes da Silva

Êmile Rocha Silva

Maria Eduarda Araújo Trindade

Leandro Tavares Leiro Góes

Gleudson Cruz Dos Santos Junior

12:45 - 13:30: Almoço

13: 45 – 14:30 – RELATO DE EXPERIÊNCIA 1

Xirê das palavras em escolas públicas em Salvador - Bahia: relato de experiências bem sucedidas.

Iasmim Thainá Conceição do Amparo - Discente Letras UNEB, NGEAALC/UNEB, Bolsista Projeto Afonjá PROEX/UNEB.

Gleudson Cruz Dos Santos Junior - Discente Letras UNEB, NGEAALC/UNEB, Bolsista Projeto Afonjá PROEX/UNEB.

RELATO DE EXPERIÊNCIA 2

O ensino de Química no Programa Universidade para Todos (UpT) da UNEB: para além dos elementos químicos.

Juvenaldo Marins de Oliveira - Discente Licenciatura em Química UNEB, Docente da Universidade para Todos / UNEB.

RELATO DE EXPERIÊNCIA 3

O Curso de Educação Escolar Quilombola para professores, gestores, técnicos dos Núcleos Territoriais da Educação (NTEs) e lideranças quilombolas, ministrado em conjunto pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), Unidade Acadêmica de Educação a Distância (UNEAD) e Grupo de Pesquisa Memória da Educação da Bahia (PROMEBA), em parceria com a Secretaria da Educação da Bahia (SEC) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB), conforme Termo de Cooperação de Destaque (TCD).

Mestra Alessandra Nascimento Souza – Pesquisadora NGEAALC / UNEB; Analista Universitária UNEB.

14:00 - 16:30: Atividade 3 - Palestra e Discussão.

Combate ao racismo nas escolas: uma ação interdisciplinar.

Tairone Acácio Couto – Pesquisador NGEAALC/UNEB; Especialização - Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (UNINTER); Coorientador do Projeto narrativas do meio do FAPITEC/ SE, SEDUC.

Gênero e sexualidades: aprendizagens da contemporaneidade em qualquer realidade.

Professora Doutora Amanaiara Conceição de Santana Miranda – Pesquisadora NGEAALC/UNEB; Pesquisadora NuCus - UFBA; Pesquisadora Enlace - UNEB.

Trajatória das mulheres negras na sociedade contemporânea.

Márcia Lidiane Rodrigues Santana – Pedagoga; Pesquisadora do NGEAALC/UNEB; Pesquisadora do GEPEE - Grupo de Estudo, Pesquisas e Experimentações Educacionais; Militante do MNU-BA - Movimento Negro Unificado e Integrante da Rede um grito pela vida.

Vânia Santos de Souza – Pedagoga; Pesquisadora do NGEAALC/UNEB; Pesquisadora do GEPEE - Grupo de Estudo, Pesquisas e Experimentações Educacionais; Militante do MNU-BA - Movimento Negro Unificado e Integrante da Rede um grito pela vida.

As palavras referentes ao sexo e sexualidade negroafricanas no Português do Brasil.

Professor Mestre Abílio Manuel Marques de Mendonça – Pesquisador NGEAALC/UNEB; Docente da rede pública de Lauro de Freitas – Bahia.

Desfolclorizando saberes ancestrais: o que precisamos saber sobre as mitologias e cosmologias indígenas e africanas.

Douglas Henrique Santana Santos - Discente Letras UNEB, NGEAALC/UNEB, Bolsista do Projeto Português Instrumental PROEX /UNEB.

As várias ações de um docente negro na UNEB popular e inclusiva: o chão da sala de aula, os círculos de cultura e algumas propostas de intervenção do Mestrado PPGIES/UNEB sob sua orientação.

Professor Doutor César Costa Vitorino - Líder do Grupo de Pesquisa NGEAALC/UNEB; Docente do Colegiado de Letras UNEB/ DCH I, Vice – Coordenador do Projeto Xirê das

Palavras - Afonjá PROEX/UNEB, Coordenador da linha de pesquisa 1 do Programa de Mestrado PPGIES/UNEB; Professo Doutor II da FVC.

16:45 - 17:00 Intervalo.

17:10 - 17:30: Atividade 4 - Dinâmica de Grupo

Comunidade Quilombola, Pesquisadores NGEAALC/UNEB, Discentes de Letras, Discentes de Química.

17:45 - 18:00 Encerramento do dia.

1/ 12/2024

Local: BEIRA DO RIO.

09:00 - 09:15: Recepção e Boas-vindas.

9: 20 – 09: 45 – O CORPO EM MOVIMENTO.

Corpo, gestos e movimentos: passos que contam histórias do Mocambo.

Professor Mestre Emanuel Magalhães Costa - Pesquisador NGEAALC /UNEB, Docente da rede pública de Lauro de Freitas – Bahia.

09:50 - 11:00: Apresentação do Samba de Coco.

11:00 - 11:15: Intervalo.

11:15 - 12:45: Avaliação das atividades desenvolvidas.

12:45 - 12:50: Encerramento e Agradecimentos.

Uma proposta com discussão interdisciplinar no Quilombo Mocambo, Porto da Folha, em Sergipe, foi verdadeiramente inspiradora e aguçou a curiosidade de planejar novas ações que integrem diferentes áreas do conhecimento e promovam a troca de saberes entre a comunidade e os acadêmicos. Algumas pessoas que aparecem com os nomes na programação não puderam comparecer devido a problema relacionado a saúde e/ou a não liberação no trabalho. Essa experiência extraordinária para todos que vieram permitiu pensar em oportunidades para desenvolver projetos inovadores e

transformadores que valorizem a rica cultura afro-brasileira e contribuam para o desenvolvimento sustentável e equitativo da região. A partir dessa discussão, surgiram ideias visionárias e criativas para futuras ações que possam fortalecer a identidade cultural local e promover a inclusão social de forma significativa.

APRENDIZADOS DA VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA

DOI: 10.5281/zenodo.15742169

Abílio Manuel Marques de Mendonça

NGEAALC(UNEB)



Nos dias 29 e 30 do mês de novembro e 1º de dezembro de 2024, eu, Abílio Manuel Marques de Mendonça, membro do NGEAALC, Núcleo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros de Línguas e Culturas, da UNEB, Bahia, fui junto com alguns participantes deste grupo para O Quilombo Mocambo Porto da Folha, situado em Sergipe.

Fui para aprimorar meus conhecimentos sobre os Quilombos e sua importância para nossa identidade nacional. Tinha a certeza que serviria para aplicar essas aprendizagens na sala de aula de escolas públicas, locais onde trabalho há mais de trinta anos. Trabalho de manhã com crianças, à tarde com adolescente e à noite no EJA, (Educação de Jovens e Adultos). Trabalho sessenta horas semanais divididas para a Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas e para o Estado da Bahia.

Ao chegar, fomos muito bem recebidos pelos habitantes locais e direcionados para nossos alojamentos. O que eu fiquei, estava limpo, agradável e dividi o quarto com somente uma pessoa. Foi perto da Associação dos Moradores deste lugar. Conhecemos esta instituição e a impressão que tive foi muito boa. Era conduzida por pessoas de lá mesmo que cuidavam com zelo e organização, pois estava tudo bem arrumada, organizada, limpa e enfeitada com fotos que lembravam eventos importantes e que marcaram a vida desta comunidade.

Conhecemos no segundo dia as localidades principais com uma pessoa da região que nos guiou e foi contando a trajetória do Quilombo. Vi muitas pessoas negras e com aparências indígenas, mas também tinham algumas brancas, apesar de serem uma minoria. A maioria deles me lembravam tempos ancestrais de indígenas que habitavam o Brasil colonial e o povo negro chegados em barcos negreiros nesta época. Isto estava bem claro na cor da pele, nos cabelos e nos traços biotípicos da população local que vi. Lembrei o que tinha lido nos livros há muito tempo sobre os espaços de resistências e sua luta pela preservação e salvaguarda destes.

Assistimos a palestras feitas por pessoas que moravam neste espaço de cultura e resistência. Exibiram peças de teatro, encenadas por crianças e adolescentes de forma clara e lúdica com a temática negro-africana. Houveram também rodas de capoeira com as crianças que mostraram sua habilidade e seu reconhecimento das suas raízes negro-africanas e indígenas. Estas mostravam a trajetória dos seus ancestrais e sua luta até hoje viva na memória destes, com afirmação de sua identidade local e a valorização à cultura popular da região.

O espaço tem uma natureza muito bonita e preservada pelos habitantes locais. Tem um rio muito bonito e saudável, com canoas e águas limpas. Pescam neste rio para sua própria subsistência, mantendo o equilíbrio ecológico local. Existem muitas árvores que

nos lembram florestas, muitas delas têm frutos e servem como alimento. Exemplos delas são manga, mamão, côco, além de hortaliças cultivadas lá mesmo.

A população tem hábitos e casas simples convivendo em harmonia com seu meio ambiente. Não vi sujeira, poluição e nem sequer a degradação do meio ambiente, comum nas cidades brasileiras. Infelizmente, espaços como estes estão cada vez mais raros no nosso dia a dia.

Espero que este Quilombo continue como espaço de resistência e cultura contra as forças esmagadoras da especulação imobiliária e a ganância de alguns que pensam somente em lucrar economicamente, sem levar em consideração o bem estar social, coletivo. Preservar espaços de resistência como o Quilombo Mocambo Porto da Folha é reconhecer a importância das áreas verdes que pouco ainda restam e guardar viva um pouco da História local que nos mostra como nossos descendentes coabitavam numa época em que houve várias tentativas de apagamento e eliminação de culturas ainda hoje vivas. Este não é um espaço que deve ser resguardado somente para a memória da população local, mas para todos e todas que habitam este planeta e precisam ter áreas como esta que contam um pouco da nossa história como nação, lembrando nos daqueles que nos antecederam, lutaram, resistiram e deixaram suas marcas até hoje visíveis na pele, nos hábitos, nos corpos, nos costumes e nas culturas de nosso grandioso país.





MINHA EXPERIÊNCIA NO QUILOMBO MOCAMBO: A FORÇA E A RESILIÊNCIA DA COMUNIDADE

DOI: 10.5281/zenodo.15742174

Alana Nunes da Silva

Minha experiência no quilombo Mocambo, em Porto da Folha, Sergipe, foi verdadeiramente incrível. Desde o momento em que cheguei, fui recebida com calor e acolhimento pelas pessoas. A gentileza e o respeito que todos demonstram uns com os outros são notáveis, criando um ambiente harmonioso e familiar.

Nesse espaço, pude observar de perto a força e a resiliência da comunidade. Ali, percebi o que significa realmente se identificar com uma cultura que muitas vezes é marginalizada pela sociedade. A população negra do quilombo, desde as crianças até os mais velhos, exala uma força impressionante. Eles têm plena consciência da história de racismo que enfrentaram e continuam enfrentando, e essa luta é uma parte fundamental de suas identidades.

Além do aspecto social, as paisagens ao redor do quilombo são deslumbrantes. Fiquei fascinada pelo samba de coco, suas músicas vibrantes e a capoeira, que trazem à tona a rica cultura local. Essa mistura de tradições e expressões artísticas é o que torna o lugar tão especial.

Em resumo, minha vivência no quilombo Mocambo foi enriquecedora em todos os sentidos. A combinação do acolhimento das pessoas, a consciência cultural e a beleza natural do lugar fez com que essa experiência fosse realmente marcante. Eu gostei profundamente de tudo o que vivi ali e saí com uma nova perspectiva sobre a força da identidade cultural.



Escolhi esse lugar para a foto, pois ali me comuniquei com diversas pessoas, e pude ouvir diversas histórias sobre o local, além do acolhimento e a maneira de como as ruas pareciam me abraçar.



VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO - PORTO DA FOLHA/SERGIPE : UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

DOI: 10.5281/zenodo.15742182

Alessandra Nascimento Souza

Na condição de Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Línguas Africanas e Culturas e Afro-brasileiros (NGEALC), Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC (UNEB), Especialista em Educação Digital (UNEB), Especialista em Gestão Governamental (UNEB), Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas (UNEB), Graduada em Administração de Empresas (UCSAL), apresento algumas reflexões a respeito da visita ao Quilombo Mocambo Porto da Folha -Sergipe.

O Núcleo de Estudos em Línguas Africanas e Culturas e Afro-brasileiros (NGEAALC), se constitui em um dos “Núcleos de Extensão da UNEB” e é vinculado a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), Órgão da Administração Superior da Universidade do Estado do da Bahia (UNEB).

Núcleos de Extensão da UNEB são órgãos suplementares, vinculados à Pró-Reitoria de Extensão, responsáveis pela gestão de projetos e/ou programas de extensão, desenvolvidos nas áreas temáticas de Educação, Cultura, Comunicação, Direitos Humanos e Justiça, Meio Ambiente, Tecnologia e Produção, Trabalho e Saúde. (UNEB, 2025)

O Coordenador do NGEAALC, Professor Dr. César Costa Vitorino (UNEB) ideou à visita de seus integrantes ao Quilombo Mocambo em Porto da Folha/Sergipe entre os dias 29 de novembro e 01 de dezembro de 2024. A proposição foi feita após articulação com o Professor Tairone Acácio Couto, que também é membro dessa Comunidade Quilombola, para a realização de intercâmbio como uma oportunidade de conhecermos o Quilombo Mocambo, e, através desta visita aprendermos sobre sua história, suas raízes, suas

tradições, suas lutas e suas conquistas, como também, para partilharmos um pouco de nossa experiência enquanto grupo que realiza pesquisa atuante nos estudos das línguas e culturas afro-brasileiras.

O NGEAALC se propõe a atuar nas áreas de pesquisa, ensino e extensão, relacionadas às culturas negro-africanas no Brasil, Línguas da família Niger-Congo, diversidade étnico-racial, memória social, produção de materiais, eventos, encontros, seminários sobre História e Cultura da África e História da Cultura Afro-Brasileira. (UNEB, 2025)

Preliminarmente, foi definida uma programação para o período da visita que previu as atividades a serem realizadas, estas, por sua vez, foram revisadas e passaram por alguns pequenos ajustes, sendo apresentadas neste relato como efetivamente ocorreram.

SEXTA-FEIRA 29/11/2024 – Turno Noturno

Local: Associação Comunitária Remanescentes do Quilombo Mocambo. 19:00 - 19:30: Recepção e Boas-vindas.

19:30 - 20:30: Apresentação Oral da Comunidade Quilombola ao Grupo de Pesquisa NGEAALC; discentes das licenciaturas em Letras e Química da UNEB, campus I.

20:30 – 21:15 - O NGEAALC/UNEB e a experiência com a "oralvivência" no Quilombo Mocambo Porto da Folha – SE.

Professor Doutor César Costa Vitorino - Líder do Grupo de Pesquisa NGEAALC/UNEB; Docente do Colegiado de Letras UNEB/ DCH I; Vice – Coordenador do Projeto Xirê das Palavras - Afonjá PROEX/UNEB; Coordenador da linha de pesquisa 1 do Programa de Mestrado PPGIES/UNEB; Professo Doutor II da FVC.

21:15 - 21:30: Sessão de Perguntas e Respostas/ Encerramento.

SÁBADO 30/11/2024 – Turno Matutino

Local: Associação Comunitária Remanescentes do Quilombo Mocambo. 09:00 - 09:10 – Recepção e Boas-vindas.

09:15 – 10: 15 – Venha conhecer o meu Quilombo.

Paula Meires Acácio dos Santos Melo – Pedagoga; Professora do quadro de efetivos da rede municipal de Porto da Folha; Presidente da Associação do Quilombo Mocambo.

10:30 - 11:00 – Atividade 1 – Apresentação de Dança Cultural de meninas e adolescentes do Quilombo Mocambo sob o fundo musical de: “O Espetáculo da Resistência Quilombola” e o “Samba de Coco” (Autoria do Quilombo Mocambo) e “Madagascar Olodum” (Margareth Menezes).

11:15 - 11:45 – Atividade 2 – Apresentação do Grupo Teatral Resistência Quilombola, com atuação de meninas e adolescentes do Quilombo Mocambo que encenam um ato sobre a discriminação racial e a luta pela valorização da mulher negra.

11:50 – 12:30 – Oficina 1 - Artesanato sustentável: as cores e raízes do Quilombo Mocambo Porto da Folha – SE com a participação das crianças da comunidade.

Orientador: Josias Costa Vitorino – Artesão e Conselheiro Fiscal do IECIS. 12:45 – 13:45 - Almoço.

SÁBADO 30/11/2024 – Turno Vespertino Local: Beira do Rio São Francisco.

14:00 – 14:45 – Relatos de experiência

RELATO DE EXPERIÊNCIA 1

Xirê das palavras em escolas públicas em Salvador - Bahia: relato de experiências bem sucedidas.

Iasmim Thainá Conceição do Amparo - Discente Letras UNEB, NGEAALC/UNEB, Bolsista Projeto Afonjá PROEX/UNEB.

Gleidson Cruz Dos Santos Junior - Discente Letras UNEB, NGEAALC/UNEB, Bolsista Projeto Afonjá PROEX/UNEB.

RELATO DE EXPERIÊNCIA 2

O ensino de Química no Programa Universidade para Todos (UPT) da UNEB: para além dos elementos químicos.

Juvenaldo Marins de Oliveira - Discente Licenciatura em Química UNEB, Docente do Programa Universidade para Todos - UPT/UNEB.

RELATO DE EXPERIÊNCIA 3

O Curso de Educação Escolar Quilombola para professores, gestores, técnicos dos Núcleos Territoriais da Educação (NTEs) e lideranças quilombolas, ministrado em conjunto pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), Unidade Acadêmica de Educação a Distância (UNEAD) e Grupo de Pesquisa Memória da Educação da Bahia (PROMEBA), em parceria com a Secretaria da Educação da Bahia (SEC) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB), conforme Termo de Cooperação de Destaque (TCD).

Mestra Alessandra Nascimento Souza – Pesquisadora NGEAALC / UNEB; Analista Universitária UNEB.

15:00 – 18:00 - PALESTRA E DISCUSSÃO. PALESTRA E DISCUSSÃO 1.

Combate ao racismo nas escolas: uma ação interdisciplinar.

Tairone Acácio Couto – Pesquisador NGEAALC/UNEB; Especialização - Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (UNINTER); Coorientador do Projeto narrativas do meio do FAPITEC/ SE, SEDUC.

PALESTRA E DISCUSSÃO 2.

Gênero e sexualidades: aprendizagens da contemporaneidade em qualquer realidade.

Professora Doutora Amanaiara Conceição de Santana Miranda – Pesquisadora

NGEAALC/UNEB; Pesquisadora NuCus - UFBA; Pesquisadora Enlace - UNEB. PALESTRA E DISCUSSÃO 3.

Trajetória das mulheres negras na sociedade contemporânea.

Márcia Lidiane Rodrigues Santana – Pedagoga; Pesquisadora do NGEAALC/UNEB; Pesquisadora do GEPEE - Grupo de Estudo, Pesquisas e Experimentações Educacionais; Militante do MNU-BA - Movimento Negro Unificado e Integrante da Rede um grito pela vida.

Vânia Santos de Souza – Pedagoga; Pesquisadora do NGEAALC/UNEB; Pesquisadora do GEPEE - Grupo de Estudo, Pesquisas e Experimentações Educacionais; Militante do MNU-BA - Movimento Negro Unificado e Integrante da Rede um grito pela vida.

PALESTRA E DISCUSSÃO 4.

As palavras referentes ao sexo e sexualidade negroafricanas no Português do Brasil.

Professor Mestre Abílio Manuel Marques de Mendonça –
Pesquisador

NGEAALC/UNEB; Docente da rede pública de Lauro de Freitas – Bahia.

PALESTRA E DISCUSSÃO 5.

Desfolclorizando saberes ancestrais: o que precisamos saber sobre as mitologias e cosmologias indígenas e africanas.

Douglas Henrique Santana Santos - Discente Letras UNEB, NGEAALC/UNEB, Bolsista do Projeto Português Instrumental PROEX /UNEB.

PALESTRA E DISCUSSÃO 6.

As várias ações de um docente negro na UNEB popular e inclusiva: o chão da sala de aula, os círculos de cultura e algumas propostas de intervenção do Mestrado PPGIES/UNEB sob sua orientação.

Professor Doutor César Costa Vitorino - Líder do Grupo de Pesquisa NGEAALC/UNEB; Docente do Colegiado de Letras UNEB/ DCH I, Vice – Coordenador do Projeto Xirê das Palavras - Afonjá PROEX/UNEB, Coordenador da linha de pesquisa 1 do Programa de Mestrado PPGIES/UNEB; Professo Doutor II da FVC.

SÁBADO 30/11/2024 – Turno noturno 19:30 - 20:30 - DINÂMICA DE GRUPO

Comunidade Quilombola, Pesquisadores NGEAALC/UNEB, Discentes de Letras, Discentes de Química.

20:45 -21:00 - RODA DE CONVERSA.

Da poeticidade das Letras à Química nossa de cada dia: integração entre discentes da UNEB, campus I, Salvador – Bahia.

Discentes: Douglas Henrique Santana Santos; Maria Luiza Ferreira dos Santos; Geovana Cristina Cruz de Azevedo; Juliana Venâncio Tavares; Juvenaldo Marins de Oliveira; Iasmim Thainá Conceição do Amparo; Janaina de Aguiar Côrtes; Rubem Silva Sampaio; Maria

Luiza Silva dos Anjos; Nicolly Braga Raimundo; Alana Nunes da Silva; Êmile Rocha Silva; Maria Eduarda Araújo Trindade; Leandro Tavares Leiro Góes; Gleidson Cruz Dos Santos Junior.

01/12/2024 – DOMINGO – TURNO MATUTINO

Local: Associação Comunitária Remanescentes do Quilombo Mocambo. 09:00 - 09:10: Recepção e Boas-vindas.

09:15 – 09: 30 – Apresentação de Grupo de Capoeira de crianças do Quilombo Mocambo, sob orientação do Mestre Shell, da Associação de Capoeira Filhos de Aruanda.

Local: Beira do Rio São Francisco. 09:00 - 09:15: Recepção e Boas-vindas.

09: 20 – 09: 45 – O corpo em movimento.

Corpo, gestos e movimentos: passos que contam histórias do Mocambo.

Professor Mestre Emanuel Magalhães Costa - Pesquisador NGEAALC /UNEB, Docente da rede pública de Lauro de Freitas – Bahia.

10:00 - 10:15: Intervalo.

10:15 - 12:45: Avaliação das atividades desenvolvidas. 12:45 - 12:50: Encerramento e Agradecimentos.

Após descrever acerca da programação, irei relatar outros aspectos que envolveram sua consecução. Ademais, quanto a viagem, foi organizada com saída de ônibus executivo disponibilizado pela UNEB, partindo de Salvador/BA no dia 29 de novembro de 2024, às 06:00, com destino ao Quilombo Mocambo em Porto da Folha/SE, com uma parada em Lagarto/SE, em um restaurante local para almoço e chegada ao Quilombo ao entardecer. O retorno para Salvador/BA foi programado para o dia 01 de

dezembro após o almoço, também com uma parada em Lagarto/SE para jantarmos, visto que a chegada na UNEB já se daria após às 21 horas.

Para melhor entendimento quanto a associação entre a temática de pesquisa realizada pelo NGEAALLC x o propósito da visita ao Quilombo Mocambo, antes, apresentamos a definição de terra de quilombos:

As terras de quilombos são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988. (Carvalho, 2016)

Ao chegarmos nas terras quilombolas, fomos muito bem recebidos pela comunidade quilombola de Mocambo, que nos acolheu em suas casas, e fomos distribuídos em três grupos para acomodação, em uma casa ficaram os professores(as), em outras duas os(as) estudantes, sendo que nos reunimos sempre na casa do anfitrião, o Tairone, e sua matriarca, D. Iraci Acácio e sua irmã cozinham para todos nós, sendo que as refeições foram feitas em sua sala de jantar, como também na frente de sua casa, debaixo de uma árvore, onde ficamos muito à vontade haja vista a acolhida, carinho e atenção com que fomos tratados.

A história do nome da comunidade é composta por uma sucessão de alusões ao termo de origem quimbundo, mukambu, usado no Brasil para denominar povoações de negros fugidos. A primeira alusão concerne propriamente aos grupos de negros que ocuparam a região nos séculos 17 e 18. Em referência a esses grupos, o nome foi dado a um riacho: Mocambo. Mais tarde, o nome foi dado à primeira fazenda de gado instalada na área, a Fazenda Mocambo. O povoado que permaneceu dentro da Fazenda Mocambo passou a ser especificamente conhecido como Mocambo. Já no século 20, o nome Mocambo passou a se referir a uma comunidade quilombola mais extensa, reunindo moradores de outros povoados.

Com relação à execução da programação acadêmica/cultural que fomentaram o encontro dos pesquisadores do NGEAALC e a comunidade quilombola, ocorreu na Associação Comunitária Remanescentes do Quilombo Mocambo, com a representação de Dona Paula Meire, moradora e membro da liderança na comunidade, que fez uma palestra

sobre o Quilombo, além de preparar vários eventos durante nossa visita, dentre eles, a apresentação do grupo de teatro formado por mulheres, adolescentes e jovens que retrataram no espetáculo, como é a vivência da mulher negra discriminada na sociedade e sua luta contra o racismo, e nos sentimos honrados(as) de terem nos apresentado com experiência de tamanha relevância.

Além disso, houve apresentação de relatos de membros da comunidade, que falaram de suas experiências de como é viver no Mocambo Porta da Folha e de que forma as tradições são referenciadas e transmitidas entre suas gerações.

Outra tradição é o samba de coco, que remonta aos tempos dos antepassados da comunidade. Mantida até os dias de hoje, é um momento de muitas trocas e laços. Em períodos de colheita de arroz e em finais de semana, mocambeiros – de crianças a idosos – se reúnem para dançar e cantar a vida e as histórias de resistência. (Carvalho, 2016)

Também foi apresentado o “Samba de Coco”, uma manifestação cultural do Mocambo. [...] “Por meio dela contamos nossa história de luta para ser reconhecido e ter o direito à terra” [...]. (MEIRE, Paula. 2016).

O Quilombo Mocambo é vizinho dos indígenas Xocó e estabelece com eles laços de parentesco e solidariedade, compartilhando uma longa trajetória de resistências. Eles tiveram os mesmos processos de expropriação violenta de seus territórios, envolvendo as mesmas famílias de fazendeiros. Durante décadas, usaram o mesmo cemitério na Ilha de São Pedro e até hoje guardam memórias em comum. (Carvalho, 2016)

Os mocambeiros foram expulsos de grande parte das terras que ocupavam tradicionalmente e sofreram restrições severas para realizar suas atividades agrícolas e de criação animal livremente, o que inviabilizou muitas vezes o seu sustento. Hoje em dia, praticamente todos os membros da comunidade têm parentes morando fora. Com a carência de terras, muitos buscaram trabalho como diaristas em fazendas e em outros municípios vizinhos, como Pão de Açúcar, Aracaju e locais mais distantes. (Carvalho, 2016)

Pôde-se constatar através da apresentação do Samba de Coco, que homens e mulheres trazem sua narrativa de luta pelos seus direitos de acesso à terra, a união, o orgulho, e de que as tradições devem ser preservadas e valorizadas; esses ideais lhes são ensinados ainda quando crianças, e impactam na conscientização sobre o pertencimento

à comunidade, sobre suas origens e a importância de seus antepassados junto à luta dessa comunidade quilombola.

A terra do estado é um trecho de terra com cerca de 550 metros de largura e entre 1.700 e 1.800 metros de comprimento. Foi transferida à comunidade na década de 1940, não se sabe ao certo se pelo estado de Sergipe ou pela União. Apesar da dificuldade de se encontrar os documentos da doação, esse fato está marcado na memória regional – não só do grupo, mas também de seus vizinhos e mesmo dos proprietários que há tempos vêm se apossando das terras de uso comum, mas respeitam esse trecho. A doação é também lembrada por todos, porque na ocasião foi realizada uma grande festa, na qual se inaugurou a primeira escola da comunidade, a nova igreja e o cemitério de Mocambo. Esses acontecimentos demonstram o reconhecimento, há mais de meio século, pelos proprietários e pelo poder público, da existência da comunidade e de seus direitos de acesso à terra. (Carvalho, 2016)

Outra atividade apresentada, foi a capoeira com Mestre Shell, da Associação de Capoeira Filhos de Aruanda, professor dos jovens da comunidade; suas aulas são realizadas na Associação, e, para as crianças participar é necessário que os pais e/ou responsáveis sejam membros da comunidade quilombola e associados. Tive a oportunidade de conversar com uma dessas crianças, a Maria Alice, ela queria muito ser ouvida e falar de sua experiência enquanto membro da comunidade e de seus planos para o futuro, então a entrevistei.

Maria Alice tem 12 anos, sua família é composta de 5 irmãos, a maioria dos coordenadores que já passaram pela associação são seus tios e sua avó, Dona Maria das Virgens foi a criadora do Samba do Coco, que faz parte da cultura da comunidade do Mocambo, e tem forte representatividade na história de resistência e luta pela terra, ou seja sua família é engajada pela luta e busca garantir o futuro das crianças e adolescentes da comunidade.

Além dos afazeres escolares, as crianças e jovens participam de várias atividades artísticas-culturais; essas atividades as ensinam sobre a cultura africana, especialmente quanto às datas comemorativas, momento em que fazem cartazes e atividades de conscientização na escola e na associação, a exemplo do dia da consciência negra que é considerada muito importante para ela e para a comunidade.

Quanto a capoeira, ela se sente bem por fazer parte e tem aprendido muito; já nas artes, ela participa do grupo de samba de coco mirim, e explicou que a apresentação é feita em grupo, e consiste em uma roda, dividida em pares em que as crianças dançam e cantam versos sobre a resistência e a luta pela terra do Mocambo; além disso, Maria Alice também faz parte do grupo de teatro mirim e é uma das atrizes da peça que foi apresentada neste nosso encontro; ela destaca que o propósito da arte é valorizar as pessoas, porque o enredo da peça descreve como se sente uma pessoa que tem sua beleza julgada, porque “começa diminuindo sua importância por ter cabelo crespo e pele negra”; depois, sua beleza é valorizada, portanto, ensina sobre a discriminação racial e a valorização da mulher negra.

Quando perguntada sobre seu futuro, ela nos conta que sonha em se formar em psicologia e depois morar no entorno do Quilombo Mocambo; para isso, quer abrir uma clínica para atendimento no Município de Glória, por estar mais perto, e, assim, facilitar o deslocamento de seu povo para fazer atendimento. Eu acrescento como é louvável o pensamento de Maria Alice, por três fatores, o primeiro reflete sua consciência sobre o futuro e determinação já aos 12 anos, o segundo se relaciona a área de trabalho escolhida, que tem a ver com sua preocupação com a saúde e bem estar de sua comunidade quilombola, e o terceiro, é sobre a localização em que pretende trabalhar, para viabilizar o acesso das pessoas do Mocambo, ou seja, seu futuro está pautado em valorização e pertencimento.

Também realizei uma entrevista com D. Iraci, com quem me senti muito próxima, com sua acolhida e cuidado, deixando sua casa cheia de gente e ainda assim com muito aconchego em todos os momentos que nos reunimos lá; em vista disso senti vontade de saber mais sobre sua vida no Quilombo Mocambo, e sou grata pela sua disponibilidade e confiança em me contar um pouco de sua vivência.

D. Iraci fala que teve e tem uma experiência muito boa como membro da comunidade Mocambo Porto da Folha, nos contou que foi criada e mora no Quilombo há mais de 50 anos, vem de uma família de 04 irmãos, se casou no Mocambo e teve 05 filhos; suas atividades na comunidade consistiu em trabalhar na roça com plantio de grãos (arroz, milho, feijão), além de pescaria na lagoa, atividades estas que a deixavam feliz; pôde-se perceber um sorriso em sua face ao relatar sobre isto.

A comunidade quilombola de Mocambo está localizada no município de Porto da Folha, no sertão sergipano, a aproximadamente 185 km de Aracaju, às margens do Rio São Francisco. Primeiro quilombo de Sergipe a ser certificado pela Fundação Cultural Palmares, em 2000, a comunidade de Mocambo reúne em torno de 100 famílias distribuídas por dois núcleos residenciais, Mocambo e Ranchinho, e algumas casas dispersas. Os quilombolas reivindicam um território de 2.100 hectares, dos quais 704,1227 ha já foram titulados pelo INCRA. No entanto, não houve a retirada ou indenização dos ocupantes não quilombolas e, por isso, o processo está sendo realizado pelo INCRA. (Carvalho, 2016)

Quando perguntada sobre o processo de luta do Quilombo, nos contou que “foi longo e que ainda é”, visto que o território era cercado de fazendeiros, que eram os seus patrões, então os membros do quilombo realizavam o plantio de grãos, (arroz, milho, feijão), e tudo tinha que dividir com o patrão; chamava-se “meia”, e consistia que, para cada colheita de 3 sacos de arroz, 2 era do patrão e 1 era do membro do Mocambo que fazia o plantio, ou seja, era uma estrutura de colonização, visto que tudo que se produzia na terra tinha que ser repartido de forma desproporcional para os mocambeiros.

Ao falar sobre a demarcação da terra do quilombo, ela informa que os negros moravam no Jaciabá, e o território que hoje é o quilombo era uma fazenda. D. Iraci relata que após a demarcação da terra melhorou 100% porque tudo que plantam e colhem passou a pertencer ao Mocambo, assim, podem separar o que é necessário para seu sustento e vender o que for sobressalente e constituir renda.

A festa da Padroeira Santa Cruz, realizada em maio, é um importante momento de celebração dos laços entre os moradores de Mocambo e de sua luta pelo território. Motivo de orgulho para a comunidade, a festa recebe em média três ônibus de turismo e mais de cinquenta carros particulares. Ela é considerada a melhor festa da região e reúne praticamente todos os mocambeiros, inclusive aqueles que moram fora. São cinco dias de festa organizados por grupos de pessoas de todas as idades, que competem entre si e administram cada um, um dia de festa. (Carvalho, 2016)

Quanto a estruturação do Quilombo, além das casas residenciais, ela destaca que possui um colégio estadual, a associação, a igreja católica, e que a Santa Cruz é a padroeira e tem uma representatividade forte para a comunidade; ela nos contou que a padroeira

promoveu a cura de um de seus filhos, e, nesse momento ela se emocionou muito ao nos contar sobre o milagre alcançado.

Nessa entrevista com D. Iraci, pude perceber como ela e seus ancestrais passaram por momentos difíceis e de muita luta para a conquista da terra e resgate de seus direitos que lhes foram sequestrados. Ainda assim, ela demonstrou ser uma pessoa, feliz, realizada, com propósito e com o sentimento de pertencimento a uma comunidade que vêm obtendo conquistas e que tem a missão de manutenção de um legado cultural importantíssimo para preservação de sua verdadeira história.

Finalizo expressando o sentimento de gratidão pela oportunidade de aprendizado e troca vivenciados em uma comunidade quilombola; esse é o propósito do NGEAALC, a quem parabeno na pessoa do Coordenador Professor Dr. César Costa Vitorino, por nos proporcionar esse encontro de imersão in loco na História e Cultura do povo do Quilombo Mocambo Porto da Folha – Sergipe, importantes para esclarecimento sobre a trajetória de um povo que não é registrado nos livros, momentos como este devem ser registrados para garantir a valorização da história e da cultura negra de nosso país.

REFERÊNCIAS

CARVALHO. Maria Letícia de Alvarenga. Quilombo de Mocambo / Maria Letícia de Alvarenga Carvalho. – Belo Horizonte: FAFICH, 2016. 16 p. (Terras de quilombos).

Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/mocambo.pdf>, Acesso em 18/05/2025, 17:45

PROEX. Pró Reitoria de Extensão - UNEB. Universidade do Estado da Bahia. Núcleos de Extensão. NGEALC. Núcleo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Cultura. Disponível em: <https://proex.uneb.br/nucleos-de-extensao/>. Acesso em 18/05/2025, 17:45



VIVÊNCIAS E REFLEXÕES NO QUILOMBO DO MOCAMBO: UM RELATO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO DE SABERES

DOI: 10.5281/zenodo.15742190

Douglas Henrique Santana Santos

Inicialmente, expresso minha profunda gratidão pela oportunidade de ter integrado este projeto de pesquisa e troca de saberes, fruto da luta, do incentivo, da militância e da dedicação de um dos mais notáveis docentes da Universidade do Estado da Bahia, o Professor Doutor César Costa Vitorino. Estendo meus agradecimentos ao grupo de pesquisa NGEAALC e a todos os seus membros, que, a exemplo do referido professor, acolhem e incentivam discentes e pesquisadores a se dedicarem a diversas vertentes dos estudos linguísticos e culturais relacionados à interação entre o Brasil e os países do continente africano, promovendo o resgate das heranças ancestrais e sua contribuição para as línguas, culturas e identidade afro-brasileira.

De igual modo, agradeço à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), instituição pública que, pautada na coletividade social, demonstra constante empenho e investimento na promoção e manutenção da vida acadêmica, da pesquisa e da extensão universitária, beneficiando inúmeros estudantes.

A vivência junto às comunidades quilombolas permitiu-me estabelecer uma conexão concreta com o passado histórico, especialmente com o legado de resistência e luta dos ancestrais africanos. No Quilombo do Mocambo, localizado no município de Porto da Folha, em Sergipe, essa experiência proporcionou uma imersão significativa no entendimento do conceito de negritude, na importância da preservação das tradições e na incorporação de um pensamento ecocrítico, alinhado aos saberes dos povos originários.

Nesse contexto, foi possível observar, de maneira inequívoca, a irmanação entre os habitantes da localidade, cuja vivência coletiva remete à filosofia africana Ubuntu, baseada na premissa de que todos, apesar de suas singularidades, integram uma unidade maior, na qual cada indivíduo reconhece sua existência no outro.

Ademais, destaca-se o papel fundamental desempenhado pelas crianças e jovens na preservação das tradições locais, mediante práticas como a capoeira e o teatro. Tais atividades não apenas asseguram a continuidade de um legado cultural e de estratégias históricas de resistência, como também incentivam o bom desempenho escolar como condição para a participação. Através do teatro, esses jovens abordam temas sociais de relevância, promovendo, por meio da expressão artística, apresentações que transcendem o aspecto estético e estimulam reflexões acerca da valorização da identidade negra e afro-brasileira. Ressalte-se, nesse sentido, a expressiva performance de uma adaptação do poema “Me gritaram negra”, de Victoria Santa Cruz.

Ao longo das atividades, o intercâmbio de saberes consolidou-se através de palestras, rodas de conversa, oficinas, coleta de dados e entrevistas realizadas pelos pesquisadores em interação com os moradores. Este processo possibilitou a transmissão de reflexões e estudos desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa a um público diverso, enquanto o retorno dos participantes, manifestado por meio de produções artísticas, relatos, diálogos e entrevistas, revelou-se essencial para uma compreensão mais ampla e aprofundada da realidade vivenciada.

Por fim, destaco algumas impressões pessoais que se sobressaíram durante essa experiência. Causa admiração o respeito e a convivência harmônica com a natureza, a arquitetura que reforça os valores comunitários, bem como a segurança e liberdade perceptíveis na ausência de grades e na confiança mútua entre os moradores. O sentimento de pertencimento, evidenciado nos relatos históricos e no orgulho estampado no semblante dos quilombolas pela conquista e preservação de seu território, constitui, sem dúvida, um legado inestimável e inspirador.



A EXPERIÊNCIA DE UMA VISITA AO QUILOMBO MOCAMBO: TERRITORIALIDADE, SABERES, ETNICIDADE E DIVERSIDADE

DOI: 10.5281/zenodo.15742201

Emanoel Magalhães Costa

Introdução

A visita ao Quilombo Mocambo, em Porto da Folha, Sergipe, constituiu-se como uma imersão profunda nas raízes culturais e históricas do povo quilombola, revelando não somente a riqueza dos saberes, dos costumes e das tradições orais, mas também a força da resistência e da identidade coletiva na luta por seus direitos.

Este relatório tem por objetivo o registro de memórias e impressões colhidas durante esta experiência de campo, refletindo sobre a percepção das múltiplas riquezas oriundas dos gestos, dos movimentos e das narrativas que compõem o tecido cultural do presente quilombo.

Memórias e Impressões Coletadas

1. Oralidade como Guardiã da História:

A oralidade revelou-se como o elemento central na preservação da memória coletiva do Quilombo. Histórias narradas estas que estão presentes em cada uma das pessoas a que tive o prazer de conhecer, conversar e ouvir.

Pessoas como Zé Paulo e Dona Lurdinha as quais pude evidenciar o empenho de entrelaçar as gerações e que na condição de pessoas mais velhas, manter acesas nos seus sucessores, por meio das musicas por ele produzidas, na memória as lutas e as conquistas do território.

A narrativa dançada e representada pelas estudantes do grupo teatral Resistência Quilombola desenvolvido e inspirado a partir do poema "Me Gritaram Negra", de Rosa Santa Cruz, abordando a luta contra o preconceito e a diversas formas de violências as mulheres negras, ainda na tenra idade, revelando a incessante busca por reconhecimento e por pertencimento.

2. Gestos e Movimentos de Resistência:

Fomos contemplados por uma fabulosa apresentação de Samba de coco e durante a prática do samba, foi possível perceber que cada passo, gesto e movimento de corpo possuíam simbolismos profundos. A dança não configurava apenas a expressão da cultura, mas um ato de resistência, uma memória viva do cotidiano e dos antepassados

Em meio a movimentos circulares e versos cantados toda a apresentação ecoava em mim como um mantra que me conectava a lugares e vivências que de certo modo parecia reconhecer, a lavoura, a colheita, as festas comunitárias. Gestos simples, como o ato de bater os pés no chão, que reafirmavam a força daquele povo e significavam a conexão com a terra, a celebração e a luta pela posse do território.

3. Imagens e Sons do Quilombo:

Por vezes exercitava a escuta sensível das vozes percussivas das folhas das árvores, do canto dos pássaros, do som do vento, das águas do rio São Francisco, das pessoas e do silencio da noite.

Entendi que cada uma desses sons presentes naquele lugar soavam de maneira diferente, pois transmitiam histórias de luta e celebração, enquanto o samba de coco transmigrava o passado ao presente.

Se comportavam como música enquanto via de transmissão da história oral, como as que estão presentes nas letras das compostas por Zé Paulo que contam a luta contra os fazendeiros durante o governo Sarney, quando o quilombo enfrentou a ameaça de desapropriação.

4. Espaço de Luta e Memória:

A geografia do quilombo, em particular a Rua da Frente às margens do Rio São Francisco, desvelou as histórias da dualidade: uma rua onde a luta pelo reconhecimento coexiste com a memória de quem se dizia ser branco, quando do conflito territorial. O rio, ora calmo, ora sereno, ora avassalador em épocas de cheia, tornou-se uma metáfora para a resistência e resiliência do povo quilombola.

Um dedo de prosa com um morador do Quilombo

A entrevista que segue foi realizada no Quilombo Mocambo que ocorreu no dia 30 de novembro de 2024, a entrevista foi conduzida pelo entrevistador Emanuel Magalhães Costa, membro do grupo de pesquisa NGEAAC- Núcleo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas - PROEX – Pró- Reitoria de Extensão - UNEB – Universidade Estadual da Bahia que tem como líder o professor Doutor César Vitorino. As pessoas entrevistadas foram: o Senhor Jose Paulo Rodrigues Couto (Zé Paulo) e a Senhora Maria de Lourdes Silva Couto (Dona Lurdinha) ambos com 69 anos de idade e nascidos e criados no Mocambo Porto da Folha. A transcrição dos áudios e fotografias foram realizadas pelo Professor Pesquisador Tairone Acacio Couto.

Então, tá gravando?

Então, Zé Paulo! É... a gente vai começar hoje com as cinco perguntas, falando um pouquinho sobre é... sua história nesse, nesse, nesse espaço de poder, de resistência que é esse quilombo, né, Porto da Folha. E eu vou iniciar ago... a minha entrevista com você, com a primeira pergunta, é... eu queria saber o que é que inspira você a compor músicas

para a dança do coco, e como as histórias desse quilombo, elas influenciam a a construção dessas músicas. Você pode explicar um pouquinho, como é que você cria as músicas? (Entrevistador)

Ah, é o seguinte, como eu como eu comecei fazer a compor algumas foi do começo da luta da gente, pelo sofrimento que a gente vinha sofrendo, a bastante a através dos fazendeiros, né. Aí, sobre o sofrimento da gente aí nós foi muito massacrado desdos nossos antepassados aí foi quando nós tivemos uma chance de partir pra, pra luta pra vê se a gente conseguia a terra, aí eu fui compondo essas músicas sobre o sofrimento da gente. Fui compondo aos pouquinhos, né. Eu sei que eu, cheguei a compor três sobre o sofrimento da gente, sobre a luta da gente. (Entrevistado).

Quais seriam os nomes das músicas? O que que as músicas traziam? (Entrevistador)

Trazia muita inspiração pra gente, né. Aí quando a primeira que eu fiz, que eu cantei ... pros os ... os meus amigos lá, tem gente até que chorou, né. Até eu me emociono... sei que foi um sofrimento mesmo. Foi da, foi quando a gente foi retirado de lá de dentro com a polícia tangeno a gente, aí quando eu fiz, eu compus essa música. Através deu não saber lê, né. Se eu soubesse lê pa escrever certinho, mas não sei. Nem telefone eu sei mexer. (Entrevistado)

Quem é que te inspira, são seus avós, senhores mais velhos, eles te inspiravam a criar músicas. Como é que o senhor afirma isso? (Entrevistador)

Meus avós na época era vivo mas... Minha vó ela era muito inteligente, a minha vó Ingracinda. Ela cantava na igreja, ela sempre ela era muito, eu acho que puxei um pouco a ela, a inspiração dela que ela era muito inteligente, a minha vó. (Entrevistado)

Então Zé Paulo, eu queria saber mais uma coisa. Quais são as maiores lutas e as maiores conquistas que o quilombo “Porto da Folha” já teve durante durante esses anos? (Entrevistador)

Ói! A melhor conquista da gente, foi quando a gente tivemos a notícia que na época de Fernando Henrique Cardoso, em noventa e dois, foi quando nós entremo, Fernando Henrique já saino do primeiro mandato dele, e ele a carta de liberação da ... de liberação das terra da gente, só não fez entregar a terra mais deu o título, né. Aí, já foi um passo bom. Aí a gente já fiquemo mais animado, fizemo uma festa arretada nesse dia na frente da

igreja, foi todo mundo animado, até meu tio, Antônio Melero que já faleceu, poucos tempo. Alí era historiador, ele sabia contar a história do quilombo, de dedo a dedo. Foi a maior conquista da gente foi essa a ba... de Fernando Henrique Cardoso. (Entrevistado)

E qual foi a maior luta, a luta mais difícil que teve aqui no quilombo? (Entrevistador)

A mais difícil foi quando a policia chegou aqui pra tirar a gente de dentro da terra. Que a gente tava já colhendo o arroiz. Foi quando ele abriu as barras lá ... abriro as barra, secaro a lagoa. Aí, foi ... fiz a música, né. Jogaro o gado pra dento e a policia tangeu a gente pra fora. Aí, foi foi triste nesse dia, o quilombo ficou muito triste. Nesse dia foi a luta mais pesada que teve, policia de todo jeito aí. Só, só, só Deus e a santa Cruz na causa mesmo que não morreu ninguém, graças a Deus (barulho de moto). (Entrevistado)

Me diga uma coisa Zé, existe alguma música algum verso específico que você, é, compôs que homenageia, é, as pessoas aqui do quilombo, você pode cantar um pedacinho dela se você lembra. Um verso que homenageia toda essa luta, toda essa conquista que vocês tiveram? (Entrevistador)

Tenho uma ... uma que eu fiz a segunda música, essa que diz assim:

Meus irmãos remanescentes
Chegamos estamos aqui
Vamos trabalhar em grupo
E arrancar o calumbí
Um dia de segunda- fêra
Uma lancha chegou aqui
Com pistoleiro e doutor
Pra tirá os nego daqui
Os nego já estão aqui
Daqui não vai mais sair
Que a fome está demais
Os nego não vai resisti

(risos) (Entrevistado)

E o quilombo é nosso? (Entrevistador)

É nosso, de quem lutou, né. Mocambo é nosso, de quem lutou. É! (entrevistado)

Ok!

E Zé, a última pergunta. O que você deseja para as futuras gerações, o que é pra elas aprenderem, preservar o que aqui no quilombo? (Entrevistador)

Eu não entendi essa (Entrevistado)

O que você deseja para as futuras gerações, essas crianças que tão aí chegando agora, qual é a sua expectativa de futuro, o que é que você gostaria que elas tivessem que você não teve, que os seus avós não tiveram, o que é que você tem de expectativa de futuro pra essas crianças? (Entrevistador)

Veja, o que eu queria pra essas crianças de hoje era uma pessoa que incentivasse elas ... a origem deles, que a gente temos origens ... é uma pessoa que incentivasse eles a ... que nem eles tão agora na capuera, pelas vê o passado da gente, o sofrimento da gente, pelas não dexare cair, né. Que amanhã eu posso ir, outro pode ir, e vai passando de geração por geração. Porque se a gente num, num, participar junto com eles pra botar eles dentro da linha, passa o ponto deles esquecer e os de fora tomá conta do quilombo. E é uma coisa que a gente mais velho não queremos, né. (Entrevistado)

E a última, agora é a última mesmo. O quilombo “Porto da Folha” é o quê, o que esse lugar representa pra você? (Entrevistador)

Rapaiz, pra mim. (Entrevistado)

Na música e na dança. (Entrevistador)

Pra mim ele representa tudo, né. Pessoal ... em prioridade, só em a gente ser dono desse quilombo já é um grande passo. E é onde Porto da Folha nunca deu essa oportunidade a gente. Tá dano hoje, porque hoje já viu o passo que a gente demo né. Hoje, eles hoje têm essa inspiração de ter esse quilombo dentro, e essa área indígena, né. Pra eles cresceram muito, eles cresceram mais que a gente que Porto da Folha num tinha essa parte, né. Nem quilombo e nem indígena. E hoje ele tem. Tão mais valorizado de que memo a própria gente aqui, né. A cidade de Porto da Folha. (Entrevistado)

Então querido, brigado pela entrevista, a gente encerra por aqui. Te agradeço imensamente por essa oportunidade. (Entrevistador)

E da ... e da música aí, eu esqueci um pedaço. (Entrevistado)

De quem lutou

Teve coragem, acreditou

Essa é a primeira música? (Entrevistador)

Não! A primeira é a Fazenda São Francisco. Foi da retirada quando a gente saímos de lá tangido pela polícia, né. Que foi quando os dono abriu a barragem e jogou o gado pra dentro. (Entrevistado)

E essa “Mocambo” é nosso? (Entrevistador)

Essa “Mocambo” é nosso ela é a terceira, é a terceira. E essa que fiz essa música com a finada Maria da Virges, a mãe de Paulameires. Aí, foi nós dois que fizemos essa música. Eu fazia um pé, ela fazia oito, fazia um pé fazia oito. Aí no final ... a finada Maria das Virges botou ... essa parte de Joca Boi foi ela que botou. Eunice foi eu que botei. Aí, nós fizemos assim ... compôs essa música foi eu e ela. Ela já velhinha, mais ainda compôs comigo. Maria das Virges, foi. (Entrevistado)

Quantos anos ela tinha? (Entrevistador)

Nessa época ela tinha o quê? tinha seus ... setenta anos mais ou menos. É... Maria das Virges, ela tinha de sessenta e oito a setenta anos, ela já tinha ... tá cuns dez anos de morta já, né. Treze, né. É nesse trecho por aí assim, ela já era bem madura já. (Entrevistado)

Obrigado, meu querido! (Entrevistador)

De nada meu ... (Entrevistado)

Considerações finais

A ida ao Quilombo, em Porto da Folha, foi uma trajetória de reconhecimentos e de aprendizagens, desvelando como a memória afetiva, a oralidade e os gestos culturais constituem-se como ferramentas fundamentais da resistência. Mais do que observar,

vivenciamos a luta silenciosa e pulsante de um povo que, através do corpo, da dança e da palavra, preserva sua identidade.

Fica, então, o compromisso de documentar e de valorizar essas memórias, contribuindo para que a história do Quilombo, em Porto da Folha, não seja esquecida ou invisibilizada, que ela possa continuar sendo contada – em passos, em cantos e em lutas cotidianas para para as próximas gerações e para o mundo inteiro.



Figura 1 - Zé Paulo, compositor, 2024; Emanuel Costa - Pesquisador NGEAALC e Dona Lourdinha na Porta de casa.

Fonte: Arquivo próprio

MINHA IMPRESSÃO DO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA

DOI: 10.5281/zenodo.15742211

Josias Costa Vitorino



Familiaridade numa ancestralidade despercebida.

Ao chegar ao quilombo, um clima de paz se faz perceber. Nada que lembre a cidade onde vivemos ou o sentimento de preocupação e de violência.

Recebido com sorriso e olhares de curiosidade, me senti feliz. Receptividade social e familiar na casa onde fomos selecionados para ficar.

Depois da refeição, seguimos para o Clube Social, local de encontro e registros inesquecíveis.

Na mesma noite da nossa longa viagem, tivemos a alegria de ver um ensaio cultural com a presença de crianças e adolescentes nativos. Um show de disposição, encantamento e energia.

Impressionante também o fazer das crianças em todos os sentidos; se dispuseram a uma demonstração à noite e pela manhã lá estavam elas, sorridentes, estruturadas, gentis. Apresentaram uma encenação (com cerca de uma hora de duração) e, seguidamente, capoeira. Após isso, fomos reciclar materiais que seriam utilizados na nossa produção artística e, surpreendentemente, fizeram melhor do que o direcionado, com o material que lhes foi apresentado: ossos, folhas, gravetos e pedras. A parte fascinante de tudo isso foi o sentido de coletividade desejada por todos e por cada um integrante. “Professor Joca, a gente pode fazer com o outro colega?” Sim, mas, por que? Gostaria de ver o trabalho de cada um, pra que eu pudesse sentir e entender o progresso pessoal, porém o que vi foi mais deles se aproximarem e pedir para fazer o trabalho em grupo. Me senti abençoado por ver a sociedade sendo sociedade, por ver a natureza humana desenvolvida numa localidade distante dos vínculos tidos como morais de uma cidade ‘desenvolvida’. Que felicidade!

Emocionante, energizante, arrepiante. Esses sentimentos e sentidos tomaram conta de mim. Reagi agradecido ao bom Deus por me dar essa oportunidade inesperada e sensacional.

O resultado de tudo isso foi um êxtase espiritual. Três dias de vida sem confusão, sem violência, sem conflitos. (Três dias porque aproveitei os segundos e instantes de cada situação). Numa investida, por exemplo, invasiva de um momento muito exclusivo, adentramos uma escola em reforma e, surpresa!, as salas são todas climatizadas e existem antessalas para apoiar o contexto didático, além da expansão geográfica da escola em si e do andamento de um ginásio esportivo.

Atentei para a atrativa coordenação do professor César, buscando, tanto dos docentes, quanto dos discentes extrair o seu melhor. Instruídos e interessados em uma dinâmica planejada, foram bem em adaptar e discernir os padrões culturais do lugar.



Uma camada de Uneb unia-se ao sol daquela manhã; pessoas com sonhos, pessoas preocupadas, pessoas motivadas e todas com objetivos característicos de quem retornaria da pescaria com satisfação.

Os lugares por onde passamos foram apenas uns indicadores do bem que alcançaríamos.

As horas de viagem causaram uma excitação em nós, como a espera de um anúncio por uma premiação.

Mesmo sendo noite quando chegamos ao quilombo Mocambo, sentimos calor em forma de receptividade, como o amanhecer num dia primaveril.

Conversamos, nos alimentamos e seguimos para conhecer o lugar e as pessoas pelas quais fizemos tão longa viagem.

Que sensação!

Fértil receptividade.

Naquela noite - entendi depois - foi como se estivéssemos à beira do rio São Francisco; sentimos a história mergulhando nela através do falar doce e emocionante de uma pessoa alegre, de postura firme, a coordenadora.

Crianças cativantes se apresentaram honrosamente diante de um grupo de pessoas desconhecidas, com desenvoltura e arte, trazendo inesquecibilidade para todos nós, deslumbrados com tamanha atuação. Eram atores da vida real, numa encenação que se mostrou natural e impactante.

À beira do rio, rimos e vimos acontecer um ritual habitual nativo: a reunião do povo quilombola, símbolo da resistência e sobrevivência, do respeito e bons conceitos.

Barcos enfeitavam o lugar. Pessoas encantavam a paisagem, tornando-a mais histórica, benéfica, bucólica e enérgica, fazendo com que essa energia conecte-se aos presentes.

Toda a história do lugar cheira a alegria. Emaranhados de galhos nos permitem ver, emoldurado, o rio São Francisco, que traz vida em forma de alimentos, meio de navegação/transporte e o melhor modo de vida que é a paz.

Formigueiros (montes deles) lembram as crianças quilombolas em Porto da Folha. Por sua atividade constante, num ritmo incansável e incessante. As crianças, como a paisagem local, nos faz perceber quão difícil e experimental é estar num lugar tornado viável, porém invisível. Uma invisibilidade talvez necessária, visto que violência e doenças quase inexistem ali.

A placa na entrada, com os dizeres “Comunidade Quilombola Mocambo” é um atrativo entre chocante e possível.

Ruas limpas, povo centrado, parecem cientes de um poder ancestral que emana deles.

[Na beira do rio, um pássaro que Tairone viu (na sua infância e desenhou na sua maturidade), uma beleza. Uma Maria, um João, um mestre de capoeira, é na estrada (na beira), a vida de uma nação (quilombola)].

Os cães lá não ladram. Por que? Porque lá não há estresse para os animais. Lá há paz.

O chão de lá é um chão de andar, de sentir, de querer voltar.

Nos reunimos às sombras das árvores, em frente às residências.

A sublimidade das crianças nos cativou. Elas se entregam ao que fazem. E agem numa coletividade responsável e agradável.

É preciso ver o que elas fazem. Crianças capazes! Passos firmes no chão, movimentos quais vento, os mais caros elementos da natividade. Se apresentam dizendo: “Somos assim, estamos aqui”, nas suas danças e performances.

Nós ali, fotografando e filmando, nos deliciando com tão festiva (e positiva) percepção de viver.

A grandeza das crianças é fazer o que lhes foi educadamente instruído, de modo espontâneo, coletivo e muito pessoal. Nada ali era igual. O comportamento lhes dava um documento do eu com eles e elas. Música, dança, arte (desenho, pintura, montagem, colagem), teatro, tudo parecia muito usual. Na verdade, um caminho para a posteridade na contemporaneidade em que nos encontramos.

Minha impressão, na verdade, é ter repetidas vozes ressoando, lembrando aquelas manhãs e tardes e as conectando com as noites. Uma impressão tão real e digital que me encontro ali, mesmo tendo retornado para essa vida.

Minha impressão são as imagens e vozes que ouço até hoje: “EXISTIMOS nesse alçar voos dos pássaros, matinal, nesse dual ESTADO em que nos encontramos, separados por um rio e onde manifestamos amor. A impressão de viver.”









**TROCAS DE CONHECIMENTOS E APRENDIZAGENS ENRIQUECEDORAS:
A CULTURA AFRO – BRASILEIRA E O QUILOMBO MOCAMBO PORTO
DA FOLHA**

DOI: 10.5281/zenodo.15742277

Leandro Tavares Leiro Góes

O encontro dos pesquisadores no quilombo foi marcado por muitas trocas de conhecimento e aprendizagem enriquecedoras que afirmam a cultura afro-brasileira no nosso corpo coletivo. Ademais, abordou-se no evento diversas atividades e oficinas que valorizam a harmonia com a natureza e o contato com a ancestralidade. Foram as atividades realizadas: Roda de conversa com discentes, onde os estudantes do curso de Letras e Química da UNEB se apresentaram e relataram um pouco de sua trajetória acadêmica na universidade; Oficina de Educação Ambiental com ênfase na redução de resíduos orgânicos: atividades práticas; Oficina de Artesanato sustentável: as cores e raízes do Quilombo Mocambo Porto da Folha – SE e Relatos de Experiências de ensino e pesquisas. Realizou-se entrevistas com os moradores do quilombo, com a finalidade de compreender questões locais e históricas - como acesso à saúde, acessibilidade de produtos e serviços, segurança e moradia no quilombo.

A viagem acadêmica ao quilombo mocambo, em Sergipe ofereceu uma experiência enriquecedora que conecta resistência, ancestralidade e cultura afro-brasileira em um cenário de natureza ampla. Localizado às margens do rio São Francisco, o quilombo é um espaço vivo de preservação identitária, onde a relação com o meio ambiente e as tradições herdadas dos antepassados se manifestam de forma profunda e significativa.



As expressões culturais - como as danças tradicionais e a capoeira - simbolizam a resistência e a luta pela liberdade que marcaram a trajetória do povo quilombola. Essas práticas vão além de performances artísticas, sendo verdadeiros atos de reafirmação da identidade racial e da ancestralidade afrodescendente.

Além das expressões culturais, não se pode deixar de comentar sobre o Rio São Francisco. Ele é uma verdadeira riqueza natural da comunidade e reflete o laço valioso dos moradores com a natureza, sendo um elemento que integra a vida comunitária com seu entorno natural.



A experiência foi marcada por revelar a teia de afetividades presente na comunidade do quilombo, onde a arte, o cuidado e o compartilhamento de saberes fortalecem os laços comunitários que atravessam gerações. As danças e as práticas agrícolas refletem a força de uma identidade comunitária conectada à sua ancestralidade, celebrando suas raízes históricas.



Por fim, nota-se que o Quilombo Mocambo é um espaço de aprendizado e inspiração, onde a resistência e a ancestralidade se encontram em uma cultura afro-brasileira rica e vibrante, convidando todos a refletirem sobre o valor dessas heranças na construção de um Brasil mais diverso e inclusivo.

A hora da entrevista

-Primeiramente, bom dia para o senhor. Iremos realizar aqui uma entrevista, fazendo algumas perguntas básicas em relação ao quilombo. Estamos realizando uma pesquisa, somos estudantes da UNEB do curso de Letras Vernáculas. Qual o nome do senhor?

R: Meu nome é José Rodrigo Couto.

-Quantos anos o senhor tem?

R: Tenho 90. Sou de 34 (1934).

-O senhor tem filhos?

R: Sim. Tenho 11 filhos. Moram em Aracajú e Salvador.

-Como é o seu dia a dia?

R: Não faço mais nada, já trabalhei muito.

-Quanto tempo o senhor mora aqui no quilombo?

R: Nasci e me criei aqui. Nasci aqui em 34 (1934). Nunca saí daqui para canto nenhum. Meu pai tinha uma fazenda ali. Ele era vaqueiro. No inverno, íamos para o centro.

-O senhor se formou por aqui?

R: Sim, nasci, me criei e me formei aqui. Estudei tanto e não aprendi nada. Estava sempre trabalhando.

-Como foi a questão da mobilidade? Ia andando para a escola?

R: Rapaz, aqui era tudo fazenda. Era tudo fazenda. Tinha os donos daquelas terras que ia até perto do Monte de Alegre. O pessoal vivia trabalhando.

-Qual transporte o senhor utilizava para se locomover?

R: Animal. O cavalo ou o jegue. O importante era ir.

-E o que vocês plantavam por lá?

R: Milho, feijão, algodão. Já criamos bode também.

- O senhor já pensou em se mudar daqui?

R: Nunca, para canto nenhum.

-O senhor costuma visitar a igreja daqui?

R: Sim, vou para a missa toda vez. Para festa também, quando tem a festa da Santa Cruz. Todo ano.

-Qual foi a emoção que o senhor sentiu quando o governo disse que esse quilombo pertencia ao povo daqui?

R: Foi bom, não é? Aqui a terra era dos ricos. Eles só faziam o que queriam e tudo você tirava do seu bolso. Se quisesse plantar ali, você pagava.

-O que o senhor acha que deveria melhorar aqui no quilombo em relação ao convívio etc?

R: Para o que era, já melhorou bastante. Antes os ricos eram os donos e só faziam o que queriam. Posso dizer que aqui é um lugar bastante seguro para se morar. Todo mundo se conhece. Mexeu na casa de um, mexeu na de todos.

-O que o senhor acha que os jovens daqui deveriam valorizar mais no quilombo?

R: Deviam valorizar mais a cultura, natureza, mas não fazem.

-Por aqui no quilombo circulam muitas histórias e lendas?

R: Não. Circula não. Nem de valentão, nem de nada. Aqui o povo gosta é de beber cerveja.

-Percebemos que aqui há animais de diversos tipos. Os moradores daqui sentem medo de bichos perigosos, como cobras venenosas?

R: Aparecer assim é difícil e se aparecer, mata.

-Quando o senhor vai à igreja, lá costuma ser um ambiente movimentado?

R: É. Todo dia o povo vai.

-O senhor joga algum jogo, como baralho?

R: Já joguei muito baralho.

-Por aqui no quilombo os idosos praticam alguma atividade esportiva em conjunto?

R: Não.

-O senhor acha aqui um bom lugar para morar?

R: Sim, aqui ninguém entra. É um lugar seguro. Se deixar, o pessoal amanhece aí na porta de casa.

-Aqui costuma vir muitas pessoas de fora, como turistas? Eles fazem muita bagunça?

R: Sim, quando tem alguma festa aqui, como a da Santa Cruz, vem gente de fora. Mas a polícia vem, então ninguém faz bagunça não.

-Como é o acesso ao posto de saúde?

R: É tranquilo. Eles atendem todo mundo.

-Os moradores precisam sair daqui para comprar alguma coisa ou algo do tipo?

R: Sim, nem sempre dá para conseguir tudo aqui. Ai tem que sair para conseguir.

-O senhor consegue seus remédios por aqui?

R: Não. Aqui ninguém dá remédios não. A gente tem que comprar.

-O senhor acha que aqui deveria haver mais acessibilidade em relação à saúde etc?

R: Sim, com toda certeza. Deveria haver mais. Mas não tem não. Nem sempre dá para comprar as coisas aqui, aí tem que sair.





RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO QUILOMBO MOCAMBO PORTO DA FOLHA

DOI: 10.5281/zenodo.15742285

Márcia Rodrigues

“A Terra é o meu quilombo.

Meu espaço é meu quilombo.

Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.”

(Beatriz Nascimento -1989 Texto e narração para o filme Ôri)

Eu , mulher militante, Pesquisadora do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas – NGEAALC, Integrante do Movimento Negro Unificado – MNU/BAHIA e Pesquisadora do Grupo de Estudos, Pesquisas e Experimentações Educacionais – GEPEE/IAT, tive a oportunidade de desfrutar da solidariedade dos moradores do Quilombo Mocambo Porto da Folha, localizado em Sergipe.

Após muitas discussões e planejamento, o Grupo de Pesquisa do NGEAALC (Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas), organizaram uma visita ao Quilombo Mocambo Porto da Folha entre os dias 29/11 até 01/12 de 2024.

Além das/os pesquisadoras/es do NGEAALC, participaram também discentes da UNEB que tinham aulas com o Professor César Vitorino, que é um incentivador nato no surgimento de novas/os pesquisadoras/es no meio acadêmico.

A nossa experiência de partilha e expectativa começou desde o momento que entramos no ônibus. Todas as pessoas que participaram deste momento, deram contribuições significativas do quanto estava sendo importante fazer aquela imersão, e de como certas vivências nos transformam para o resto da vida.

Ao chegar no Quilombo Mocambo, fomos impactadas/os primeiramente pela paisagem e pela natureza que ainda resiste as investidas do tempo e da ganância que insiste em devastar tudo, em nome de um tal “progresso”. Em seguida tivemos uma acolhida calorosa da D. Iraci a mãe de Tairone que é quilombola e integrante do NGEAALC. Ambos organizaram as devidas acomodações, bem como a programação da visita, juntamente com a liderança comunitária na pessoa da professora Paula.

Foram momentos de trocas de saberes, afetos e culturas, nas quais podemos saborear as riquezas individuais e coletivas tanto de quem foi como de quem já estava lá.

Diante das várias apresentações, tanto da comunidade como das/os pesquisadoras/es e discentes, foi possível fazer diversas reflexões que impactaram diretamente na vida e na ação cotidiana de todas as pessoas que participaram desses momentos de crescimento e aprendizagem.

A comunidade apresentou os diversos trabalhos realizados, como por exemplo: o Grupo de Teatro e Dança infanto-juvenil que fez uma apresentação marcante sobre sua existência e resistência, na perspectiva de fortalecer o seu pertencimento e reconhecer a importância de se saber quem é nessa vida, para não permitir que nada ou ninguém as/os faça sentir vergonha de suas histórias e lutas. Logo em seguida, pudemos apreciar a apresentação do grupo de capoeira, que também faz um trabalho que para além da arte, ensina disciplina, educação e respeito pela história delas/es e pelas pessoas que lutaram bravamente para que o Quilombo se mantenha vivo e atuante.

Cada uma das pesquisadoras/es e discentes tiveram um momento para apresentar seus trabalhos e pesquisas, permitindo assim que as demais pessoas pudessem adentrar outros espaços através de seus lugares de fala e suas visões de mundo. Isso foi enriquecedor e nos permitiu conhecer outras formas de ver e conceber o mundo que nos envolve.

Concluo este relato agradecendo a todas as pessoas que colaboraram para que este encontro acontecesse e pelas oportunidades de aprendizagens e trocas de saberes e conhecimentos mútuos.

Gratidão por tudo...

**ENTRE OLHARES, OBSERVAÇÕES E ESCUTA SENSÍVEL: A
PESQUISADORA SABENDO SOBRE A IDENTIDADE DO QUILOMBO
MOCAMBO PORTO DA FOLHA**

DOI: 10.5281/zenodo.15742293

Maria Eduarda Araújo Trindade



No coração do sertão nordestino, encontrei uma experiência que ficará marcada para sempre em minha memória; em nossa visita à comunidade Quilombo Mocambo de Porto da Folha, no interior de Sergipe, pude vivenciar momentos felizes que me conectaram com uma parte das raízes culturais e históricas do Brasil, tão cheio de pluralidades que se distinguem e se complementam. A viagem foi uma verdadeira imersão na vida e na luta de um povo quilombola que, com força e dignidade, preserva sua identidade e suas tradições, apesar das adversidades da vida cotidiana.

Logo ao chegarmos à vila e descermos pelas escadas do ônibus, fui acolhida pela simplicidade e beleza do lugar. O azul pálido do Rio São Francisco – que faz a divisa entre os estados de Sergipe e Alagoas – condizia com o sereno céu no início de seu anoitecer. Porto da Folha, ainda distante de tamanhas tecnologias, conserva em suas práticas um

modo de vida profundamente ligado à terra que os cerca. Foi um colisão de realidades, mas também uma oportunidade de refletir sobre nossa sociedade e sobre as raízes que nos unem enquanto brasileiros, já que o sangue que corre nas veias deste valente povo, foi o que tanto contribuiu para a composição da cultura da nossa nação: com seus costumes, suas crenças, sua língua, sua culinária, suas músicas. O seu padecido suor sequestrado foi o que ergueu nossas cidades, nossos centros, nossas igrejas. As pessoas que tão bem nos acolheram em suas casas trazem consigo a memória viva de seus ancestrais.

Quando nosso grupo de pesquisa se dividiu em três, fiquei hospedada na casa de D. Iraci, que sempre com um sorriso largo no rosto, nos tratou como se fôssemos já conhecidos; abriu as portas de sua casa e nos “agasalhou” com sua gentileza e humildade. Junto a D.Iraci. estava também D.C., que desde o início manteve sua atenção voltada para nós e – detalhe muito importante – nossas barrigas sempre cheias (posso salivar ao lembrar o sabor das comidas de lá; sabores diferentes; naturais). Espero que, com minhas atitudes, gestos e palavras, eu tenha conseguido expressar tamanha gratidão que senti com o carinho delas.

Já com os nossos pertences guardados nas casas, no final da primeira noite, quando fomos todos juntos para o clube social da vila, nos integrar e nos apresentar uns aos outros, um dos momentos mais singulares para mim foi quando, exauridos e bocejando com o pesar das oito horas de estrada, fomos energizados com o relato de algumas mulheres quilombolas compartilhando suas histórias de vida; elas falavam com muito orgulho de suas origens e de suas tradições, especialmente de como lavavam suas roupas no Rio São Francisco; um espaço que, para elas, simboliza tanto a luta pela sobrevivência quanto o vínculo com seus ancestrais. A descrição sobre o trabalho que envolvia esse processo antes da chegada de algumas tecnologias à vila, me fez refletir não somente sobre o impacto da modernidade e da evolução tecnológica, mas também sobre a resistência cultural que persiste de forma vibrante nessas comunidades. As experiências que pulsam em suas vidas se cruzam num lindo caminho de resistência e perseverança; e essas, tão fortemente ligadas, se revelaram sob nossos olhos urbanos e admirados. Afinal, como não admirá-las?

Durante o desenrolar de nossa visita, ainda em meados do segundo dia e seguindo o nosso cronograma de pesquisa, tivemos a oportunidade de presenciar a habilidade

artística das crianças quilombolas, que, sem extensas orientações e apenas com materiais naturais (como galhos, ossos e folhas), criaram peças graciosas e cheias de significado; foi impressionante ver como essas crianças fizeram uma imersão em uma forma de arte tão genuína. Elas transformaram materiais da natureza em algo expressivo; e, ao observar todas as peças ainda dispostas sobre o chão, me vi apercebida de como a arte tem o poder de conectar gerações, de manter vivas as memórias e de reforçar a identidade de um povo. A arte dessas crianças diziam muito sem nem pronunciar uma palavra.

Lembro-me que, sem o uso excessivo do celular, eu estava realmente estimulada a prestar uma atenção genuína a todos os acontecimentos e demandas que a visita produzia, e isso me permitiu viver tudo com muita intensidade. Durante a apresentação musical e coreográfica das crianças do Quilombo Mocambo, mantive uma concentração muda – franca, sobretudo –, e até hoje me encontro assim. O que falar da dança das meninas? O que falar da bravura apresentada por meio de seus movimentos? Elas dançavam com tanto entusiasmo, transmitindo através dos gestos a história de seu quilombo, e o orgulho de serem envolvidas pela cor de suas peles negras. Cada passo, cada movimento, parecia contar um pouco mais sobre a luta e a honra de fazer parte de seu Quilombo. É de causar grande comoção ver como, desde tão jovens, essas crianças celebram sua história por meio dessa arte, reforçando a importância de proteger a memória cultural de seu povo para que as futuras gerações não a esqueçam – algo que foi tão bem comentado pela coordenadora Paulameires.

Um momento que também ficará marcado eternamente em minha alma, foi quando experimentei a sensação gostosa de mergulhar nas águas do Rio São Francisco e tomar um banho. Agarrei-me teimosamente à ideia de que esse mergulho me curou de todos os males que senti nos últimos meses. A correnteza do rio, bastante forte, me desafiou – tão confesso –, mas foi por meio dela que tive mais respeito para com a natureza e a força daquele lugar. Naquele mergulho, que pude ir de pouco a pouco mais ao fundo, me senti quase como uma parte do rio, um elo entre o passado e o presente, entre o sofrimento e a fortaleza, entre a luta e a sobrevivência. Essa experiência me fez perceber o quanto o Rio São Francisco, além de ser uma fonte vital de sustento para todos em que deságua, também representa a luta da comunidade quilombola de Porto da Folha por meio de todas essas décadas. Andando pela vila, principalmente durante a luz do dia, ao

olharmos todos os atalhos e esquinas, nos deparamos com ele: o rio, azul feito o mar, nos dando a impressão de um convite para uma imersão. E isso? É absolutamente irresistível!

Ao entardecer do segundo dia, obedecendo a programação do projeto confortavelmente sob a sombra fresca de uma árvore, a roda de conversa entre os professores e pesquisadores do NGEAALC, me fez entender um pouco mais sobre a importância de atividades como aquela. Esses projetos não apenas preservam a cultura negra, mas também lutam contra as desigualdades sociais enfrentadas por esses povos. Pude vislumbrar não apenas o papel crucial das universidades e da academia no apoio a essas comunidades, como também uma perspectiva diferente sobre os desafios que eles encontram em seu caminho. Foi bom ver na prática a pesquisa, a educação e o ativismo caminhando juntos, gerando impactos reais na vida dessas pessoas. É de uma importância incalculável que essas reflexões cheguem e acessem mais e mais grupos em nosso tecido social.

Com isso, só tenho a afirmar que a visita à comunidade Quilombo Mocambo de Porto da Folha foi uma experiência profundamente enriquecedora. Tive o enorme prazer de conhecer um pouco sobre a história e a luta de um povo quilombola, sobre o papel da cultura e da arte na preservação da identidade, e sobre a importância da conexão com a natureza. Mais do que isso, essa viagem me fez refletir sobre as dificuldades e a perseverança dessas pessoas, e como elas, com orgulho, continuam a lutar por seus direitos e pela preservação de sua história. Essa experiência me proporcionou uma nova visão sobre a riqueza cultural do Brasil e sobre a importância de valorizarmos nossas raízes. Me sinto privilegiada por ter tido a oportunidade de viver, mesmo que por pouco tempo, com esse povo tão destemido e inspirador.

Para deixar marcado em nossas memórias uma parte da história vivenciada pelo Quilombo Mocambo de Porto da Folha (SE) ao longo das décadas, deixo registrado abaixo toda a transcrição da fala da coordenadora da Associação Remanescente de Quilombo, Paulameires, em nosso último dia de visita:

“Bom dia! Eu sou a professora Paulameires, atualmente estou na coordenação, que é composta por coordenadores: coordenadores de finanças, da secretaria e da cultura; jovens.

Então, a nossa comunidade, nos anos 90, era uma comunidade ribeirinha comum, pobre, sufocada por fazendeiros; depois da fase das cancelas e da Igreja, eram os fazendeiros. Aqui era uma vila, que nos anos 30/40 o governo compra essa área e a gente é uma comunidade comum, mas já intitulada como Área de Estado. Nos anos 90, partindo de uma situação de crueldade da fazendeira N.C., que era fazendeira das terras pertencentes aos índios, e do lado de cá era pertencente aos negros, mais tarde, quando a gente plantava na fazenda dela, para se vingar dos índios, abriu a porteira; a porta d'água, que é uma barra que dá acesso ao rio, e colocou a água do riacho todinha para acabar com a plantação de arroz, e prejudicar o índio, mas acabou por prejudicar os dois, os índios e os negros.

Com isso, nós não tínhamos nada; era uma comunidade muito pobre, só tinha o peixe do rio como sobrevivência, e plantava de meeiros para esses fazendeiros. Meeiros era quando eles davam as sementes, e quando você tivesse 50 sacos de arroz, 25 eram deles e dos seus 25 eles iam tirar todo o dinheiro que você pegou de força agiota com ele (por exemplo, dos 25, você poderia trazer só 10, porque o restante você já devia a ele). E assim foi a nossa vida!

Então, com a experiência dos Xocós, que já tinham conquistado seu espaço no final dos anos 70, além de serem dos mesmos grupos, deu essa força para o Mocambo. Na pessoa, que hoje aqui era a diocese da Igreja Católica, o primeiro Bispo de Propriá, Dom Brandão, sai da igreja para ir acolher nosso povo – isso é novo na história, porque a Igreja não acolhia –, então Dom Brandão fez isso. Todos os seguidores de Dom Brandão, nos anos 70, se aliaram a ele; e aí, Padre Isaiás, que era um menino que estava entrando no seminário com Dom Brandão, cresceu nessa pedagogia, e no final dos anos 80, já como Padre, ele assume isso como dele, e aí: “meus negros, eu vou descobrir de onde eles vieram”... Com isso, pelo prejuízo, a gente foi para a Justiça, e depois do prejuízo, ele quis saber de onde viemos, o que somos e como foi a nossa chegada aqui: pelo sotaque, pelo falar ligeiro, pelas pessoas que embolavam a língua, pelo cabelo... Aqui tem uma presença de negro não tão negro como de outras comunidades porque tem a mistura com galegos; galegos da França, da Holanda; galegos que chegaram e se misturaram com os negros. Aqui há a presença de negro, índio e branco, você não vai encontrar aquele negro da África, então isso tudo foi um movimento para aquele momento. E o problema social daqui não foi por fazendeiros; mais tarde, o problema maior da comunidade foram 5 famílias que

não quiseram ser negros – não se assumiam como negros –, mesmo tendo a pele e sendo parente, eles se aliaram aos fazendeiros e criaram conflitos internos.

Então, nos anos 90, a gente começa a se organizar enquanto povo, juntamente com a Igreja e o Sindicato aqui em Porto da Folha (município); os Xocós também davam suporte, e o Padre Isaías liderava. Mandamos, então, uma carta reivindicando ao Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de Sergipe), que manda essa carta para Brasília (para a Fundação Cultural Palmares), onde até então só tinham 3 comunidades quilombolas reconhecidas no país, e nós fomos a quarta... então tudo era novo! A Conaq (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas) nasce em 95; a gente funda a associação em 96. Então Mocambo nasce juntamente com a Conaq; Mocambo foi resistência em Sergipe e também na Conaq. E aí a gente fez esse movimento justamente com esse povo que não tinha nada; e eram apenas 23 famílias que naquele momento disseram “sim”.

Assim, mandamos o documento para o Incra; o Incra manda para Brasília; Brasília manda o antropólogo Maurício, que veio junto com a sua professora orientadora em 95; eles fazem o estudo antropológico em 95, 96, e no início de 97 ele comprova que aqui era um Quilombo; e aí, nós saímos no Diário Oficial no dia 27 de maio de 1997. Dá-se o nome da escola por conta deste reconhecimento, porque até então a escola era “Escola Isolado Povoado Mocambo”. Sem nome. Escola estadual sem nome; fundada nos anos 40.

Dando continuidade na história daqui: o quê que a gente faz? Agora a gente vai se organizar para ter uma associação específica, pois antes tínhamos uma associação comum, que foi fundada nos anos 80 – nós fazíamos parte dela, pois nós éramos comuns, éramos ribeirinhos. A associação comum, naquele momento, não entendeu e não quis; e a gente percebe hoje que eles não queriam porque a gente iria fundar uma associação pela qual eles não iriam dominar, entendeu? Então eles se afastaram. E a gente resiste para fundar uma associação específica. Pegamos estatuto do Pará e da Bahia também, de comunidades específicas quilombolas, para que essa associação tivesse um CNPJ; o território tem que estar em nome dela, não pode vir em nome de qualquer pessoa. Com isso, foi necessário, nesse momento, que a gente fundasse uma associação específica; então ela é fundada lá no dia 6 de fevereiro de 1996, e em 97 a gente é reconhecida. Em 97 a gente já diz para todo mundo que aqui ninguém constroi; que a gente aqui resiste. Resistimos aos fazendeiros! Essa mesma fazendeira (N.C.), vendeu ao pior pistoleiro de

Alagoas para matar a gente, e proibia a gente de passar pro Índio. Então Mocambo sofreu fome e perseguição política. Se a gente fosse em Pão de Açúcar (Alagoas): “Olha esse negros, ladrões de terras! Estão roubando as terras dos brancos.” Seixas Dória, um ex governador e fazendeiro daqui, não colocou pistoleiro, não, mas ele não recebeu nada de graça – até as folhas das árvores ele recebeu em dinheiro.

Mesmo com esse reconhecimento em 97, ainda não tínhamos o nosso título. Esse título vai sair em 2000, e a gente faz uma revolução em Sergipe. Em 98, a gente já diz que aqui não constroi casa, mas aí as pessoas que não eram quilombolas se aliavam e diziam: “Pode, que aqui é do Governo, não é de vocês”. Era briga ao ponto de uma pessoa trazer o delegado da cidade, com o suporte de um oficial e da polícia; aí nós, daquela escola antiga, percebemos que os homens estavam pulando o muro e corremos para saber o que era. Padre Isaías estava aqui com a irmã, que morava na Bahia e estava dando uma formação; mas, a pessoa que a gente disse: “Não constroi”, disse: “Agora eu trago o delegado, dou um peixe a ele e construo...”; aí os homens correram para desparafusar o material e pra capotar o carro ali na frente, nas margens. Então, nós chegamos enquanto liderança; e com o Padre, que controlou essa parte e fez um cordão pra separar: aqui é pistoleiro, aqui é fazendeiro e aqui é nós; e ficou o Padre e alguns outros tentando acalmar todo mundo. E quando a gente acalmou isso, as mulheres tiveram a ideia de cercar ali a frente com pedras e garranchos; e agora o delegado só sai quando a gente chamar a Polícia Federal, pois aqui a gente já era federal. O delegado se apavorou e só tinha como sair do Mocambo ou pelo aéreo, ou pela lancha, ou andando; por ali não ia. Mas aí ele encontrou um caminho aqui perto da escola (que ainda tinha acesso), e conseguiu sair com o carro; e nunca mais voltou aqui na comunidade. Outro dia, ele saiu abordado em Porto da Folha.

Tudo isso foi também uma ferramenta para empoderar o Padre Isaías de coragem, que chegava em outros quilombos e dizia: “Olha, o Mocambo é uma comunidade ativa, já expulsou até delegado. Eles são corajosos! Vão lá visitar, é possível que vocês cheguem também.” Aí, Serra da Guia, outro quilombo, que também é daqui de Sergipe; aqui, outro, próximo de Propriá: em cada cantinho que ele ia, ele dizia: “Vá para o Mocambo, lá é fonte. Lá eles são corajosos! Já conseguiram.”; outro quilombo... Então, a gente diz que Padre Isaías é o nosso ícone, e ele diz que aprendeu muito com a gente. Claro, que como é novo, todo mundo erra, inclusive ele; e a gente tem uma amizade tão grande que esquecemos até que ele é padre. Quando ele chama atenção no canto, eu digo: “O senhor errou, viu?!”,

ele diz (em tom zombeteiro): “Oh, fique quieta!”... mas a gente tem essa amizade de poder dizer que ele errou. Ele é uma pessoa que é o nosso norтеador. Então, partindo de Padre Isaías, nós temos hoje 54 quilombos em Sergipe, em que nós, Mocambo, fomos os primeiros. Reconhecidos, nós temos 15 ou 16 intitulados como Mocambo, mas tem 54 quilombos, porque tem quilombo que tem duas comunidades. No quilombo Mocambo, a associação é aqui, mas dentro do território tem outra comunidade, que é de Ranchinho, um território quilombola em que o povo é o mesmo povo daqui, porém eles não têm ainda a mesma vivência que nós, porque eles não viveram essas experiências que a gente viveu, entende? Padre Isaías faz questão que todo mundo que tá no quadrado entre, e eles entraram; mas eles não têm esse mesmo negócio de enfrentar pistoleiros e tudo mais.

E aí, com a nossa missão, já conseguimos muito! Hoje nós temos no Incra, desde 2017, 185, com vagas para 400, nós aumentamos as vagas porque todos os nossos filhos irão para o Incra como dependente, pra ter a política pública. Então eles saem do cadastro da mãe e vão para o Incra para receber uma casa, pra receber um projeto... Aqui as mães parem muito, de cinco para dez filhos. Então fica assim: a gente coloca 5 filhos por um, então de cinco, vezes (x) o que tem, dá 400; então ela tem 400 lá no Incra.

Mas assim, pra voltar para a associação, dizer que, ela é constituída por coordenação – não é presidencialismo –, onde a maioria são mulheres; as mulheres daqui sempre foram à frente dos homens; aqui, nós mulheres nunca tivemos medo de revólver ou pistola. Mulher daqui não desmaia fácil, não! A gente avança também. Tanto que, enquanto os homens estavam aqui, as mulheres estavam tudo lá para prender o delegado. Aqui nós temos mulheres que perderam seus bebês, porque o susto de ver a polícia na porta – que na época vinha para matar – fazia com que elas perdessem a gestação; mas nenhuma mulher nunca morreu, não. Então nós temos muito orgulho de dizer que essa associação, com todos os desafios – que precisa melhorar –, tem um Estatuto que tá vigente; a gente consegue ficar “ok” com todos os Editais, porque a gente resistiu até hoje. E aí, eu costumo dizer “ah, eu não vou participar da associação, não...”: tá perdido! Porque você vai ficar só quilombola. A luta é diária. O CNPJ tem que estar ativo todos os dias. Como é que eu vou participar de um Edital se a minha Certidão não está ativa? Então, a nossa Certidão está “ok”. Nós temos as três Certidões; desde que foi fundada a gente já tinha as três. Atualmente, nós temos o projeto de capoeira, e já tivemos projetos de Noções de Computação 2 vezes.

Então, a associação é a nossa norteadora, e que representa a gente. E, por que que não pode ser individual? Porque negro não pode viver sozinho! O coletivo é do Índio e do Negro, se aqui não tivesse uma associação, e pudessem vender os pedaços, já tinham vendido... Então, aqui ninguém pode vender, ninguém pode invadir. Pra você ter acesso, você tem que se autodeclarar como negro, se tornar sócio e depois entrar para o Incra.

A gente agradece muito a vocês por essa oportunidade! Eu, professora, e as crianças aqui, representamos também os pais delas e os avós; isso não justifica a ausência deles, mas digamos que ainda não se tem aquela clareza de que: “quando tem um público eu preciso estar lá”, entendeu? Não é só para professor, é para todos. Pra eu entender, pra contar também um pouco da história; porque todo mundo aqui conhece a história que estou relatando, todo mundo que fundou sabe contar – mas falam menos do que Paula, né... (tom zombeteiro).

Quero agradecer ao professor Prof. Dr. César Vitorino! Quero agradecer em nome de Tairone, que é um quilombola que teve essa ideia de trazer vocês como pesquisadores. A escola hoje, graças a Deus, é uma escola que está caminhando; passou por um problema que ainda não foi resolvido, mas está em trâmite para a chegada do recurso do Governo Federal – o do Estado já chegou. Está em passos lentos, mas já temos uma quadra, temos algumas implantações... Tá lento! Mas usando o Mocambo com outras comunidades, aqui ainda é a melhor escola; claro, com muitos desafios. Os professores são ótimos, porém, o professor tem que entender que ele está em um território quilombola, e em muita coisa eles têm que fazer seu “algo a mais”, entendeu? Não dizer assim: “Mas, por exemplo, domingo, eu vou fazer o quê no Mocambo?”; não, eu vou porque eu trabalho em um Quilombo. Então, a gente agora tem um curso, que foi uma luta do Movimento Quilombola, Conaq e associação, para a partir de amanhã termos inscrições para todos os quilombolas terem Ensino Médio. A associação é composta por 10 coordenadores, e fiscais, que no primeiro momento eram 9, e agora são 6; 3 titulares e 3 suplentes. O meu mandato está terminando agora, virão outros coordenadores; mas eu faço parte da assembleia, continuo do mesmo jeito, então...

Agradeço a todos que vieram! Mocambo está de portas abertas!”

(Palavras de Paulameires Acácio dos Santos Melo, que viveu toda a sua vida na Comunidade Quilombo Mocambo, em Porto da Folha; onde foi assistida por uma

parteira ao nascer, em 16 de abril de 1974. Ela estudou na própria comunidade, no Centro de Excelência Quilombola 27 de Março, e se formou em Pedagogia pela Universidade UVA, em 2001. Casada há 25 anos e mãe de cinco filhos, Paulameires também exerce o papel de coordenadora da Associação Remanescente de Quilombo. Ao longo de sua trajetória, teve a oportunidade de viajar para Brasília, em 2008, Salvador, em 2018, Maceió, em 2022, e para a cidade de Aracaju; e, neste ano, em dezembro de 2024, irá representar sua comunidade quilombola na cidade de Recife).

A fala da professora Paulameires nos leva a visitar um longo processo de resistência e reconstrução de identidade de um povo quilombola; uma comunidade que, atravessada pela pobreza e pela exploração, luta para garantir sua sobrevivência. A referência ao período de opressão, quando os fazendeiros e outros poderes externos impunham suas leis sem considerar a dignidade dos moradores que ali viviam, destaca a força que, infelizmente, foi fertilizada por violências de cunho intimidatório. A professora não apenas narra a história de sua comunidade, mas também transmite a luta pelo reconhecimento, pela busca pela verdade de suas origens, pela afirmação de sua identidade e pelos direitos históricos das populações negras e quilombolas.

Esse relato nos leva a refletir sobre a importância da memória coletiva e do fortalecimento de pertencimento a um território, que, para o Mocambo, representa muito mais do que um pedaço de terra; é a luta pela validação de sua ancestralidade e pelo futuro das próximas gerações. O processo de autoafirmação iniciado pelas primeiras famílias e encorajado pelo trabalho conjunto com o Padre Isaías, construiu uma base sólida para que o Mocambo fosse reconhecido oficialmente como uma comunidade quilombola. Essa busca por reconhecimento foi, e ainda é, um processo de reconquista da dignidade de um povo, que teve sua história sequestrada e silenciada por séculos, mas que encontrou forças para se organizar e exigir os seus direitos.

Não pude deixar de notar o significativo papel das mulheres no desenrolar da história; a professora Paula destaca como elas sempre estiveram à frente na luta pela sobrevivência. A coragem delas, que se manifestava até mesmo diante da violência de um sistema comandado por homens – sobretudo –, é um símbolo de força. A resistência das mulheres não está apenas na defesa do território, mas também na criação de um futuro

possível para os seus filhos, dentro de um espaço de valorização da cultura negra e da preservação da memória quilombola.

O caminho percorrido pelo Mocambo para reivindicar seus direitos e garantir sua permanência no território, foi, e continua sendo, árduo, e foi através de momentos de organização e protesto coletivo que a comunidade conquistou importantes vitórias. A história compartilhada pela professora Paulameires é, sem dúvida, um testemunho da valentia de um povo que não se deixa apagar, que resiste e segue em frente, apesar dos obstáculos. E, como o próprio Padre Isaías dizia, aos quatro ventos: “Eles são corajosos...!”. Eles são fortes, inspiram esperança.

Todo esse relato é um convite para refletirmos sobre o nosso papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a memória e a resistência das comunidades quilombolas sejam valorizadas e reconhecidas em sua totalidade. Eles são merecedores disso, e muito mais.

Com isso, ao digitar as minhas últimas frases sobre essas páginas, quero destacar que, ao ouvir as palavras da professora Paula – nos últimos momentos desses três dias de visita –, é impossível imaginar como tudo aconteceu e não se comover com a força e a história do Quilombo Mocambo de Porto da Folha, que nos acolheu de maneira tão generosa. Agradeço mais uma vez ao professor César Vitorino, e a todos que participaram e se dispuseram a fazer com que essa experiência acontecesse. Agradeço pela oportunidade de ter pisado os meus pés na vila do quilombo, e de ouvir e conhecer, presencialmente, um povo que com coragem e dignidade continua a escrever sua história, mantendo vivas suas tradições e conquistas. Conheci pessoas maravilhosas dentro do grupo de pesquisa; pelas quais guardarei especial lembrança e carinho. Foi uma honra compartilhar esses momentos com todos vocês!



(Vila do Quilombo Mocambo de Porto da Folha - SE, 30 de novembro de 2024)

Discente: Maria Eduarda Araújo Trindade.



CONHECENDO O MOCAMBO

DOI: 10.5281/zenodo.15742297

Maria Luiza Silva dos Anjos

O Quilombo Mocambo, localizado em Porto da Folha, no estado de Sergipe, é um lugar pequeno com uma população acolhedora e alegre. Toda população do local é muito unida e acolhedora, nos poucos dias que passei lá, me senti em casa.

Ficou evidente para mim que os moradores são conscientes de sua identidade racial, tendo plena certeza de que são pessoas negras e das questões que os atravessam: as lutas que seus ancestrais enfrentaram, o peso que ser negro traz e as batalhas que continuarão enfrentando para assegurar seus direitos. Mesmo passando um curto período de tempo lá, pude perceber que eles se preocupam em transmitir para suas crianças todas essas questões, ensinando-as desde cedo sobre a história da formação do quilombo e sobre quem foram seus ancestrais.

A preservação da herança cultural é muito valorizada. Através da capoeira, eles relembram o passado e as lutas que seus antepassados enfrentaram. Têm a consciência de que a capoeira não é apenas uma "dança", como muitos pensam; eles a enxergam como uma luta, uma forma de resistência. Além disso, se preocupam em preservar o Samba de Coco, mais uma de suas heranças culturais.



MOCAMBO PORTO DA FOLHA: UMA EXPERIÊNCIA ENRIQUECEDORA

DOI: 10.5281/zenodo.15742299

Maria Luiza Santos Oliveira

A visita ao Quilombo Mocambo, em Porto da Folha, Sergipe, foi uma experiência enriquecedora que nos permitiu mergulhar em um universo repleto de histórias, resistências e valores culturais. Ao chegar, nosso grupo foi recebido com uma enorme hospitalidade pelos moradores, que além de nos acolherem em suas casas, compartilharam suas vivências no Mocambo com orgulho. Logo nos sentimos conectados à energia do lugar, em que cada detalhe, desde o rio mais azul que vi até às expressões culturais e histórias do passado dos que moram ali nos convidaram a refletir sobre o passado e o presente dessa comunidade.

O clima acolhedor era reforçado pela presença do Rio São Francisco, que citei acima, que margeia a região e simboliza a relação dos quilombolas com a terra, água e natureza. As histórias compartilhadas ao longo do dia traziam memórias de luta e esperança, despertando em todos nós um profundo respeito pela trajetória dessa comunidade.

Logo ao desembarcar, percebemos a riqueza cultural da comunidade, que está intrinsecamente ligada às suas tradições. A capoeira, por exemplo, é mais do que uma dança, é uma luta que simboliza um ato de resistência e memória coletiva. Durante nossa visita, tivemos também a oportunidade de assistir a uma apresentação em que crianças e adolescentes, meninas novas, dançavam e cantavam ao som de músicas que expressavam o orgulho e aceitação de suas peles negras. Na capoeira e em suas danças, o ritmo, os movimentos e a energia transmitida foram contagiantes e muitos de nós ficamos sem palavras ao presenciar expressões culturais, tão belas, sinceras e vibrantes.

Outro momento marcante foi aprender sobre a história de Mocambo. Os relatos sobre os desafios enfrentados pelos antepassados da comunidade, desde a fuga da escravidão até a conquista de uma parte do território quilombola, são inspiradores. Descobrimos que o nome "Mocambo" tem origem no quimbundo, significando um lugar de refúgio para negros escravizados. Esses refúgios, apesar de perseguidos, tornaram-se símbolos de luta e autonomia. Hoje, os mocambeiros continuam a batalhar pela regularização fundiária de todo o território que lhes é de direito.

Os depoimentos dos moradores ressaltaram a importância de preservar a memória coletiva como parte essencial da identidade comunitária. As histórias de luta contra a exploração e pela sobrevivência, muitas vezes passadas de geração em geração, evidenciam a força e a resiliência dos mocambeiros.

A convivência com os moradores nos ensinou sobre a organização coletiva da comunidade. Todos se conhecem e nos eventos, todos participam ativamente. Essa união reforça os laços comunitários e simboliza a força coletiva que sustenta o local ao longo dos anos.

Foi impossível não nos sensibilizarmos com os desafios enfrentados pela comunidade. A luta pela preservação da cultura e pelo direito à terra está constantemente ameaçada por questões políticas e econômicas. Apesar disso, os mocambeiros não desanimam; pelo contrário, utilizam as adversidades como combustível para fortalecer sua identidade e resistir.

Ao longo da visita, refletimos sobre a importância de iniciativas que promovam a educação e a conscientização sobre as comunidades quilombolas. Ficou claro para nós que apoiar suas demandas não é apenas uma questão de justiça social, mas também um reconhecimento da contribuição cultural e histórica que essas comunidades trazem para o Brasil.

Por fim, essa visita nos trouxe lições valiosas sobre empatia, sensibilidade, luta e valorização do povo. A experiência de caminhar pelas ruas de Mocambo, ouvir as histórias contadas por seus moradores e participar de sua cultura, mesmo por poucos dias, nos fez perceber a importância de conhecer e respeitar as origens e contribuições das comunidades quilombolas. Saímos de lá mais conscientes do papel que temos em

promover a inclusão e a justiça social, levando adiante as vozes que ecoam de Mocambo e de tantos outros quilombos espalhados pelo Brasil.

A riqueza de Mocambo não está apenas em suas terras, mas também nas pessoas que ali vivem e em suas memórias. Essa experiência, sem dúvida, permanecerá viva em nossos corações como um exemplo de resistência, coragem e sabedoria coletiva. As histórias compartilhadas e os momentos vividos nos inspiraram a sermos agentes de mudança, difundindo o conhecimento sobre a importância de comunidades como o mocambo e fortalecendo os laços entre culturas e gerações.

**ENTREVISTADORAS: MARIA LUIZA SILVA DOS ANJOS - LETRAS 2º SEMESTRE E
MARIA LUIZA FERREIRA - QUÍMICA 2º SEMESTRE**

Entrevistada: Lorena

Idade: 15 anos

- Você mora aqui desde que nasceu?
- Moro desde o dia que eu nasci!
- Você gosta de se envolver nas atividades do quilombo? Na capoeira, no teatro, no samba de coco?
- Eu gosto.
- O que você pretende ser quando crescer? Pretende fazer uma faculdade?
- Eu prefiro fazer uma faculdade e trabalhar ou com enfermagem ou como advogada.
- Como é a educação aqui no quilombo?
- É vai indo... é boa.
- Aqui no quilombo vocês têm alguma história ou lenda que é passada de geração pra geração?
- Tem! A história da fazenda, tem também o samba de coco que fala muito sobre a história do mocambo.

- Você sabe como o quilombo foi formado?
- Pros negros, e também pros índios.
- O que significa ser parte do quilombo pra você?
- Pra mim é... se sentir importante por causa que os negros lutaram muito, teve muita gente que morreu teve algumas que perderam os filhos.
- Como você se sente quando fala sobre a sua cultura para outras pessoas?
- Como eu me sinto? É... bem, quando o povo sabe como é minha cultura me sinto importante.

- Quais são as coisas que você mais gosta de fazer aqui no quilombo?
- Ah eu gosto de ir pro teatro, de vim pra capoeira... muitas coisas.
- Que mudanças você gostaria de ver aqui nos próximos anos?
- Mudança?... Vixe ai eu não sei.
- Não tem nada que você quer que melhore?
- Tem! Muitas coisas... a escola, a escola tá boa mas falta melhorar ainda um pouquinho.
- Se pudesse ensinar algo da sua cultura para outras pessoas, o que seria?
- O que seria?...É...Vixe! Deu branco agora.
- Pode pensar, tenha calma!
- Eu ensinaria o Samba de coco e eu falava um pouquinho da cultura daqui.



PELAS TEIAS DO MOCAMBO

DOI: 10.5281/zenodo.15742311

Nicolly Braga Raimundo

Num pedaço do município de Porto da Folha, em Sergipe, e às margens do místico e fértil Rio São Francisco, localiza-se o Quilombo Mocambo, que é um refúgio de riqueza e resgate ancestral, onde a pele preta é celebrada e tanto a formação quanto a consciência antirracista são reforçadas diariamente.

Contrariando um dos significados da palavra "mocambo", que já foi sinônimo de lugarejo de fugitivos, a comunidade é hoje um espaço de liberdade cultural, política e intelectual, onde seus habitantes têm plena consciência das agruras de ser negro ou miscigenado no Brasil; contudo, têm orgulho do manto de glória que é sua melanina acentuada e do privilégio que são seus traços. Isso é exaltado na cultura local e na valorização das raízes ancestrais, com pessoas que possuem uma consciência invejável e essencial, ecoando a célebre frase de Zumbi dos Palmares:

"Nascer negro é consequência; ser negro é consciência."

As pisadas do samba de coco, presente nos ritos de celebração da comunidade, arrepiam a pele e levam as pessoas negras a um transe; ousaria dizer que nos fazem sentir de volta às terras de onde foi tirada a semente que se mescla às nossas características. A capoeira, que um dia foi suprimida e tida como vagabundagem - sujeita à prisão e perseguição a quem praticava - em Mocambo é cantada e louvada como a mais bela dádiva hereditária. Em sua ginga, movimentos e letras, mais uma vez a sensação que atravessa quem presencia é de transe ou hipnose, transportando-nos de volta a épocas que não vivenciamos, mas sentimos em todos os sentidos por transmissão geracional.

Mocambo é força e energia viva. Está nos olhares, nos gestos, nas casas e no acolhimento dos seus habitantes; é um entrelaçamento de saberes e aprendizados que fiam uma teia de manutenção de costumes e práticas que elevam a liberdade étnica e cultural. Dos mais novos aos mais velhos, todos têm histórias para contar e se orgulhar, além de respeito pelas suas trajetórias. Eles não abrem mão de estar em protagonismo; nunca de forma egoísta, eles são Ubuntu: "um é porque todos são". E assim, eles vencem as mazelas e celebram as pequenas vitórias. Seria presunçoso dizer que se trata de um lugar perfeito onde o dispositivo de racialidade não dá suas caras, já que suas garras alcançam todo e qualquer canto desse país. No entanto, ali reside uma teia que une e repele, sem dó, aqueles que tentam oprimir suas existências e seus sonhos. O povo do quilombo é um povo carregado de resistência ativa e não abaixa a cabeça para aqueles que tentam subjugar-los.

Nas cenas do grupo teatral Resistência Quilombola, entre músicas que reforçam a importância da nossa resiliência e persistência, as meninas de Mocambo encenam as violências físicas e psicológicas que toda pessoa negra sofre a partir do momento em que toma consciência de si através do racismo. Em meio a gritos de acusação por serem negras, as personagens alternam e chocam com tamanha expressividade o quanto a discriminação nos sufoca e destrói nossa autoestima. O clímax da peça chega ao seu ápice quando fugir já não é mais opção; a personagem — que poderia ser qualquer uma de nós — é munida de força e renasce das cinzas, batendo no peito e agradecendo por sua negritude e ancestralidade. As lágrimas não são apenas consequência nos olhos de quem assiste; são inevitáveis, especialmente para aqueles que carregam em si o orgulho da verdadeira consciência negra.

As águas do Velho Chico abençoam seu povo com fertilidade para a terra e alimento para o povo, levando segurança não só para os pratos como também para as mentes pensantes que lideram o quilombo e lutam por educação digna e de qualidade — da educação básica ao ensino superior — munidos da sede pelo direito à educação digna e de estratégias para contornar os motivos pelos quais ela é negada às pessoas negras. Paula Meire, uma professora e líder comunitária do quilombo, conta com sorriso no rosto os atravessamentos e negações de acesso à educação de qualidade para os habitantes e como enfrentou tudo isso com sua ousadia e coragem, vencendo coletivamente. Sua força para lutar pela vitória dos seus alunos brilha em seus olhos ao realizar esse trabalho

transformador, plantando neles a semente de que a educação é sinônimo indispensável de reparação e equidade na vida de qualquer pessoa preta.

Mocambo representa a construção e o caminhar do que seria um ideal para todas as pessoas pretas: um lugar onde se orgulham de sua cor todos os dias e têm sede de lutar pelos seus sonhos sendo quem realmente são. Um lugarejo onde a fé não vem apenas do alto, mas do aquilombamento e fortalecimento mútuo; onde não é preciso esconder-se atrás de máscaras internas ou externas abrindo mão do empoderamento da sua existência. A importância desse espaço transcende suas fronteiras físicas; ele é um símbolo vivo da resistência cultural, política e ancestral dos povos negros no Brasil. Não custa nada acreditar que essa energia possa um dia romper barreiras físicas e tocar todas as pessoas negras deste país que merecem reparação. A força que reside ali não tem igual; é quase uma entidade viva.



IMPRESSÕES SOBRE A VISITA À COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MOCAMBO: O OLHAR DE QUEM ESTÁ DE DENTRO

DOI: 10.5281/zenodo.15742317

Tairone Acácio Couto

Entre os dias 29 de novembro e 1º de dezembro de 2024, o NGEAALC — Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Linguagem e Cultura — grupo vinculado à Universidade Estadual da Bahia, realizou uma experiência marcante ao promover o primeiro encontro na comunidade quilombola de Mocambo, situada no município de Porto da Folha, no estado de Sergipe. A visita, mais do que uma atividade acadêmica, configurou-se como um mergulho profundo nas memórias, saberes e resistências de um povo que reafirma diariamente sua identidade, sua ancestralidade e sua luta por reconhecimento e permanência nos territórios historicamente conquistados.

Ao longo dos três dias, refletimos coletivamente sobre as relações étnico-raciais e os caminhos da educação quilombola, compreendida não apenas como direito, mas como instrumento de fortalecimento das identidades negras e das formas próprias de organização social, cultural e política dessas comunidades. Os diálogos travados durante o encontro permitiram vislumbrar os desafios enfrentados pelas populações quilombolas em seus processos de afirmação e a urgência de políticas públicas efetivas que contemplem sua realidade e respeitem suas especificidades.

O momento formativo foi enriquecido pela escuta sensível, pela partilha de saberes e pelo protagonismo dos próprios moradores, que com generosidade relataram suas trajetórias de vida, suas lutas por terra, educação e dignidade, bem como seus projetos de futuro. Em meio aos relatos, emergiram memórias de resistência e estratégias de

sobrevivência que ultrapassam os discursos oficiais e revelam a potência de uma comunidade que persiste, educa e transforma.

A programação incluiu apresentações culturais que sensibilizaram a todos os presentes. O grupo de teatro da comunidade emocionou com uma encenação que resgatava elementos da ancestralidade e do cotidiano quilombola, abordando temas como religiosidade, luta por território e transmissão oral dos saberes. Da mesma forma, o grupo de capoeira encantou com sua força, ritmo e ancestral conexão com os processos de liberdade e de afirmação da cultura afro-brasileira. A presença da artesã Nayara Acácio de Souza, bordadeira, também foi essencial para revelar como as práticas manuais, como o bordado, constituem-se em expressões artísticas e políticas, reafirmando a identidade cultural da comunidade e possibilitando a valorização dos saberes das mulheres quilombolas.

Voltar do quilombo Mocambo foi levar conosco não apenas lembranças, mas também compromissos. A experiência reafirmou a importância de uma escuta atenta, de uma presença respeitosa e do reconhecimento das comunidades quilombolas como produtoras legítimas de conhecimento, história e cultura. Reforçou-se também a necessidade de construir alianças duradouras entre universidade e comunidades, em uma perspectiva de pesquisa e extensão comprometida com a transformação social.



RELATO DE EXPERIÊNCIA NO QUILOMBO MUCAMBO: UMA IMERSÃO NA ANCESTRALIDADE, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA QUILOMBOLA

DOI: 10.5281/zenodo.15742321

Vânia Santos de Souza

Entre os dias 29 de novembro e 1º de dezembro de 2024, vivi uma das experiências mais potentes da minha trajetória como estudiosa e pesquisadora das relações étnico-raciais. A visita ao Quilombo Mucambo, em Porto da Folha, Sergipe, foi uma verdadeira imersão em saberes ancestrais, práticas de coletividade e pedagogias do território que desafiam os paradigmas da educação eurocentrada e fragmentada.

A chegada à comunidade, após quase sete horas de viagem, foi marcada por uma acolhida calorosa que já anunciava a primeira grande lição: a hospitalidade como gesto ancestral de resistência. A senhora Iraci Acácio, que nos recebeu em sua casa, cedeu sua cama para que dormíssemos com conforto e repousou no chão. O gesto, singelo e potente, sintetiza o que a professora Paula Meire afirmou: “o problema de um é nosso, a terra é nossa”. A coletividade, no Mucambo, não é teoria — é vivência cotidiana, memória em ação.

Durante a visita, conhecemos a Associação de Moradores, fundada em 1996, responsável por articular os direitos da comunidade junto à Fundação Cultural Palmares (FCP) e ao INCRA. A organização garante, por exemplo, o acesso à aposentadoria rural, com base na Lei n.º 8.213/1991, direito estendido aos quilombolas na condição de trabalhadores rurais. Além disso, a comunidade vive da pesca, pecuária, apicultura e da solidariedade intergeracional, enraizada em suas práticas econômicas e espirituais.

Mais do que observar, pude experienciar o que Arruti (2008, p. 2) chama de “conteúdo vivo” do conceito de quilombo: uma categoria em disputa, “em processo,

aberta”, cujos significados variam conforme os contextos políticos, sociais e jurídicos em que é mobilizada. O autor destaca que não se trata apenas de reconhecer uma existência histórica, mas de compreender os quilombos como formas sociais contemporâneas cuja existência se baseia na resistência cotidiana e no direito ao território (Arruti, 2008, p. 4).

Como pesquisadora do NGEAALC, compreendo que há um currículo que se desenrola ali fora dos muros da escola. A capoeira ensinada pelo Mestre Shell às crianças, por exemplo, ultrapassa o corpo: educa a alma. Um jovem me disse com sinceridade: “quando estou fazendo capoeira, me sinto livre”. Essa liberdade é a pedagogia quilombola em sua forma mais pura: formar sujeitos para resistirem e permanecerem.

Nesse ponto, ressoa com força o poema:

“E das falas virão os gritos,
Não de dor, mas de vitória,
Como são vitoriosos os sussurros,
De nossa gente agora,
Pois estão acordados,
Para dizer,
Com a força de Ganga Zumba
E a altivez de X:
Que somos!
Faremos!
Bem alto!
Como as torres de Palmares”
(O ARCO-ÍRIS NEGRO, 2006, p. 64).

Essa liberdade que se constrói nos corpos e nas palavras das crianças quilombolas encontra eco no paradigma da etnicidade. Para Barth (1969, p. 15), os grupos étnicos não são definidos por características fixas, mas por fronteiras sociais construídas na interação com o outro. Assim, a identidade quilombola não é uma essência passada, mas uma construção situada, política e relacional.

Arruti (2008) reforça que o conceito de quilombo ,quase sempre, se atualiza por meio de três paradigmas fundamentais, a saber: o território, o uso comum da terra e a etnicidade. O território, como se observa no Mucambo, é mais que chão — é memória, é laço, é projeto coletivo. O uso comum da terra desafia a lógica privatista e individualista e reafirma a prática ancestral de partilha. A etnicidade, por sua vez, legitima a luta por reconhecimento diante de um Estado historicamente excludente.

Schmitt, Turatti e Carvalho (2002, p. 12) apontam que, no contexto contemporâneo, a identidade quilombola é inseparável da luta pelo território: “identidade e território se entrelaçam na reprodução cotidiana da coletividade”. No Mucambo, a escola, a praça, a igreja, as cozinhas e os quintais são territórios educativos onde a cultura se transmite por afeto e convivência.

Esses paradigmas são evidentes no Mucambo. A comunidade não apenas reivindica uma história de resistência, mas constrói cotidianamente um futuro ancorado na dignidade. Como afirma Arruti (2008, p. 4), “não está em disputa a existência das formações sociais quilombolas, mas sim a amplitude com que o conceito as abarca”. O que se decide, portanto, é “qual parcela da realidade social o conceito será capaz de fazer reconhecer” (Arruti, 2008, p. 5).

A experiência foi organizada pelo Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC/UNEB), sob coordenação do professor doutor César Vitorino, e contou com a presença de educadores e pesquisadores como a professora doutora Amanaira Miranda. As atividades realizadas fortaleceram o sentido de pertencimento, a escuta sensível e a necessidade de reconstruir práticas pedagógicas a partir das epistemologias negras.

Retorno dessa vivência com uma certeza: o quilombo Mucambo é uma escola de humanidade, de luta e de esperança. Seu povo nos ensina que resistir é também um modo de educar. Como afirma Arruti (2008, p. 21), o conceito contemporâneo de quilombo, em sua dimensão política e territorial, nos convida a “ver de forma ampliada as múltiplas formas de existir da população negra no campo”, desafiando-nos a construir uma educação antirracista viva, engajada e radicalmente comprometida com a justiça histórica.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício. Quilombos: verbete para livro da CRER. In: PINHO, Osmundo (org.). **Raça**: Perspectivas Antropológicas. Campinas: Ed. da Unicamp; EDUFBA; ABA, 2008. p. 1-22.

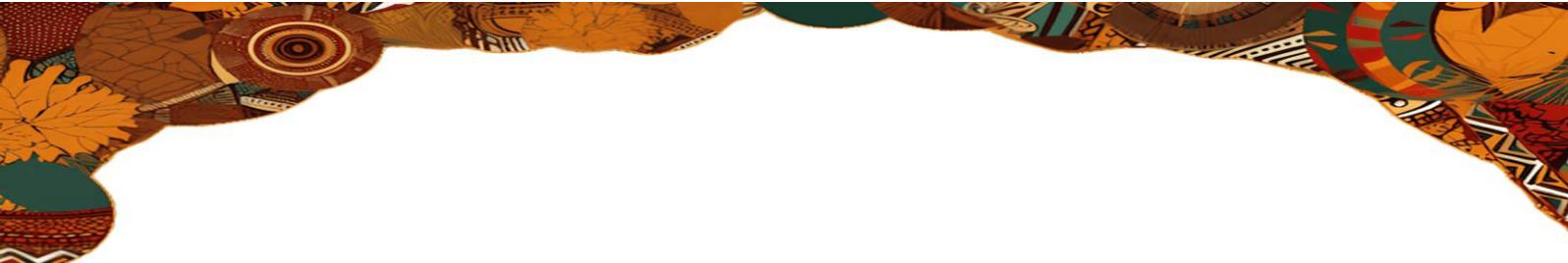
BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.

BRASIL. **Lei nº 8.213**, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm. Acesso em: 1 maio 2025.

BRASIL. **Decreto nº 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 nov. 2003.

O ARCO-ÍRIS NEGRO. **Poemas da resistência negra**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SCHMITT, Christiana; TURATTI, Márcio; CARVALHO, Ana Paula. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 5, n. 5, p. 1-20, 200.



ENFOQUE INTERCULTURAL E ESCOLAS QUILOMBOLAS: ENSINO E APRENDIZAGEM, DIÁLOGOS E SABERES NA OBRA VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS

DOI: 10.5281/zenodo.15742323

PROPONENTES

César Costa Vitorino (UNEB)

Professor Doutor em Letras pela PUCRS, Mestre em Letras pela UFBA. Professor permanente do Programa de Pós - graduação em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia (PPGIES/ UNEB). Professor lotado no Colegiado de Letras / Língua Portuguesa e Literaturas da UNEB, DCH I, Salvador. Líder do Núcleo do Grupo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEALC) da UNEB. Vice - coordenador do Projeto Xirê de palavras no Afonjá: círculo de vivências com palavras de origem africana pela contação de histórias na Biblioteca Mãe Stella de Oxóssi. Membro do Grupo de Pesquisa da Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Educativo Social (EPODS). Docente do Curso de Pedagogia da Fundação Visconde de Cairu (FAVIC).

Francisca Eugenia dos Santos (USACH)

Doctora en Filología Hispánica por la Universidad de Valladolid, España, y docente del Departamento de Lingüística y Literatura de la Universidad de Santiago de Chile. (USACH) Sus áreas de investigación comprenden la lengua y la cultura, la traducción literaria, la traducción intercultural y la literatura brasileña.´

Évila Ferreira de Oliveira(UNEB)

Colaboradora do Projeto.Doutora em Literatura e Cultura, Mestre e Graduada em Letras pela Universidade Federal da Bahia. É Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).Trabalha com a narrativa, especialmente com Guimarães Rosa. Possui artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, sempre com o foco na lírica.

Arlete Rodrigues de Souza (PPGIES / UNEB)

Mestranda pelo Programa de Pós - graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES) / UNEB.É Professora da Rede Pública Municipal de Paratinga – Bahia.

Genilza Castro Carneiro (PPGIES / UNEB)

Mestranda pelo Programa de Pós - graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES) / UNEB.É Professora da Rede Pública Estadual de Paratinga – Bahia.

JUSTIFICATIVA

A justificativa para trabalhar a literatura em escolas quilombolas, tendo "Vidas Secas" de Graciliano Ramos como objeto de estudo, reside na importância de abordar questões ambientais e sociais que afetam diretamente as comunidades quilombolas. A apresentação da obra para discentes do 9º ano e do ensino médio pode ajudar a promover a conscientização sobre a interculturalidade que se manifesta através da relação entre a cultura rural nordestina e a cultura urbana, evidenciando a desigualdade social e a falta de oportunidades no interior do país. A obra retrata a vida de uma família sertaneja, oprimida pela seca, pela exploração latifundiária e pela falta de acesso à educação e saúde.

A ecocrítica e a literatura oferecem contribuições significativas para a compreensão da relação entre o ser humano e o meio ambiente. A primeira pode ser

dividida em três ondas, segundo Kerridge (2013): a primeira onda (anos 1960-1980) se concentra na representação da natureza na literatura e na crítica à destruição ambiental; a segunda onda (anos 1990-2000) se caracteriza por uma abordagem mais teórica e interdisciplinar, incorporando perspectivas da ecologia, da filosofia e da teoria social; a terceira onda (anos 2010-atualidade) se concentra na ação e na prática, buscando integrar a teoria ecocrítica com a ação política e social.

Como docente da disciplina Prática Pedagógica III, Colegiado de Letras, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus I, cidade de Salvador - Bahia, o primeiro proponente da pesquisa pode afirmar com autoridade que a abordagem ecocrítica permite uma reflexão profunda sobre a interconexão entre o mundo natural e a sociedade humana. Ao analisar como a literatura reflete e influencia a nossa percepção do meio ambiente, este campo de estudo nos possibilita explorar a complexidade das relações entre o ser humano e o mundo natural. Além disso, ao combinar descrição literária, história, ecologia natural científica, argumento filosófico, análise cultural e memórias pessoais, essa abordagem enriquece a nossa compreensão da experiência humana no contexto do meio ambiente. Isso termina por possibilitar que se inspirem mudanças de comportamento e se promova a conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente. Ou seja, trata-se de uma ferramenta valiosa para a formação de leitores críticos e conscientes.

A Professora Doutora Francisca Eugenia dos Santos, da Universidade de Santiago do Chile (USACH), despertou grande interesse nos demais proponentes para aprofundar estudos sobre ecocrítica. Com sua expertise, pode contribuir significativamente para a análise ecocrítica de obras literárias, particularmente na obra “Vidas Secas” (Graciliano Ramos), abrindo novas perspectivas para a pesquisa nessa área.

A Coordenadora do Colegiado de Letras/Língua Portuguesa e Literaturas, Departamento de Ciências Humanas (DCH), campus I, Professora Doutora Évila Ferreira de Oliveira é colaboradora do Projeto.

O referido Projeto conta com 02 (duas) discentes voluntárias do Programa de Pós-graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES) / UNEB, a saber: Arlete Rodrigues de Souza, matrícula UNEB 142510044; matrícula UNEB Genilza Castro Carneiro ,

142510021. Elas desenvolvem pesquisa relacionadas a educação escolar quilombola no município de Paratinga – Bahia.

Já os discentes de Letras / Língua Portuguesa e Literaturas, Departamento de Ciências Humanas (DCH), campus I, voluntários do Projeto com as respectivas matrículas da UNEB são: Alana Nunes da Silva – 232410104; Anthony David Santos de Jesus – 232410117; Beatriz Andrade Loureiro – 232410183; Bruno Elias Silva Saraiva – 232410050; Filipe Araújo Nery – 232410221; Gabriel Carvalho de Jesus – 232410204; Leandro Tavares Leiro – 232410112; Letícia Marie Arruda Ferreira Neri – 232410242; Linda Ines Costa da Conceição Cerqueira – 232410168; Maria Eduarda de Oliveira Teles – 232220047; Maria Luiza Nascimento – 232410240; Maria Luiza Silva dos Anjos – 232410176; Nicolly Braga Raimundo – 232410171; Noemi Santana Santos e Santos – 232410093; Rayssa das Mercês Souza – 232410217; Teresa Luana Santos Rocha – 232310183 e Yasmin Medeiros Santos – 232310150. Esses discentes da graduação demonstraram grande entusiasmo pelo trabalho com a obra "Vidas Secas" e manifestaram interesse em desenvolver atividades relacionadas à mesma em contextos escolares quilombolas, explorando a riqueza cultural e literária da obra sob uma abordagem ecocrítica.

Em relação ao curso de Administração, Departamento de Ciências Humanas (DCH), campus I, temos a discente Bruna Mota Pamponet, matrícula 232410214, que demonstrou interesse por entender a necessidade de uma abordagem interdisciplinar.

O diálogo entre ensino e aprendizagem em "Vidas Secas" sob a perspectiva de Weisz (1994) pode ser um enfoque interessante para explorar como a obra literária pode ser utilizada para promover a compreensão e a reflexão crítica sobre a realidade social e ambiental. Weisz, com sua experiência em educação, pode oferecer insights valiosos sobre como os professores podem mediar a leitura e a discussão da obra, incentivando os alunos a estabelecer conexões entre o texto e suas próprias experiências e contextos. Isso pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa e engajada.

A ecocrítica e a literatura se constituem ainda em dispositivos poderosos para promover a sustentabilidade e a responsabilidade ambiental. Ao explorar os desafios que essas áreas representam, conseguimos desenvolver uma compreensão mais profunda da complexidade das questões ambientais. Além disso, a ecocrítica nos ajuda a entender

como a literatura deve ser utilizada para promover a conscientização ambiental e inspirar mudanças de comportamento.

No que tange à formação de professores de Língua Portuguesa para o ensino em escolas quilombolas, verifica-se que é um desafio devido à demanda histórica por uma educação específica e diferenciada. Segundo Couto e Vitorino (2023), a formação de professores é fundamental para a qualidade da educação em contextos específicos. O objetivo do trabalho realizado por estes pesquisadores foi analisar como ocorre a formação de professores de Língua Portuguesa para lecionar em Comunidades Quilombolas, visando compreender essa prática na relação com os pressupostos da Pedagogia Social e da didática.

Ao se refletir a respeito da formação dos professores de língua portuguesa para atuação no contexto Quilombola à luz dos resultados da pesquisa, constatou-se, na supracitada pesquisa, que, apesar dos avanços na educação escolar quilombola, ainda falta o apoio dos órgãos responsáveis pela educação para que os professores possam realizar seu trabalho de acordo com o previsto na legislação educacional. A pesquisa qualitativa então instaurada permitiu uma compreensão aprofundada da formação de professores, destacando-se a importância da Pedagogia Social e da didática na formação de professores. Quanto à educação quilombola, verificou-se que é um campo que requer atenção e apoio, sendo a formação de professores fundamental para a obtenção de uma melhor qualidade daquela.

QUESTÃO DA PESQUISA

Como a obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos pode ser utilizada como recurso pedagógico para promover a conscientização sobre questões ambientais e sociais em escolas quilombolas?

HIPÓTESES PARA A PESQUISA

A obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos pode ser utilizada como recurso pedagógico para promover a conscientização sobre questões ambientais e sociais em escolas quilombolas, pois a narrativa retrata a realidade de exclusão e desigualdade social vivenciada pelas comunidades rurais, o que pode ajudar os estudantes a refletir sobre suas próprias experiências e contextos.

A utilização da obra "Vidas Secas" em escolas quilombolas pode promover a valorização da cultura rural e da identidade quilombola, ao mesmo tempo em que aborda questões ambientais e sociais relevantes para a comunidade, como a seca e a falta de acesso à educação e saúde.

A análise da obra "Vidas Secas" em sala de aula permite que os estudantes quilombolas desenvolvam uma visão crítica sobre as estruturas sociais e econômicas que perpetuam a desigualdade e a exclusão, e que identifiquem possíveis soluções para os problemas enfrentados por suas comunidades.

A utilização da obra "Vidas Secas" como recurso pedagógico em escolas quilombolas contribui para a promoção da interculturalidade e do respeito à diversidade cultural, ao mesmo tempo em que aborda questões ambientais e sociais relevantes para a comunidade, o que pode ajudar a fortalecer a identidade cultural quilombola e a promover a inclusão social.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Investigar o potencial da obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos como ferramenta de ensino para promover a conscientização sobre questões ambientais e sociais em escolas quilombolas, destacando a interculturalidade e a desigualdade social presentes na obra.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como a obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos aborda questões ambientais e sociais relevantes para as comunidades quilombolas.
- Desenvolver estratégias pedagógicas para utilizar a obra "Vidas Secas" como ferramenta de ensino em escolas quilombolas.
- Avaliar o impacto da utilização da obra "Vidas Secas" como recurso pedagógico em escolas quilombolas.

RELEVÂNCIA DA PESQUISA

A relevância da pesquisa se instaura na medida em que a ecocrítica poderá ser uma ferramenta eficaz para promover a conscientização ambiental e social em escolas públicas quilombolas, utilizando a obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos como base para a análise e reflexão. Busca-se levar os discentes quilombolas do nono ano do ensino fundamental e/ou discentes do ensino médio a refletirem a respeito da importância de se aprender sobre a relação entre a natureza e a cultura quilombola. Sendo assim, verifica-se que a ecocrítica poderá contribuir para a formação de alunos críticos e conscientes de suas responsabilidades ambientais e sociais. É relevante destacar ainda que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) poderá ser um guia importante para a implementação de práticas pedagógicas, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento de currículos e programas educacionais que abordem questões ambientais e sociais de forma eficaz.

SUPORTE TEÓRICO

A obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos (2001 [1938]) é uma representação poderosa da luta pela sobrevivência em um ambiente hostil e árido, onde a seca e a pobreza assolam a vida dos personagens. A narrativa é direta e objetiva, sem sentimentalismos ou romantismos, o que a torna ainda mais impactante. Ou seja, é

construída de forma simples, mas profunda, permitindo que o leitor se identifique com a dor e com a luta dos personagens. O autor faz uma crítica à exploração das populações rurais e ao descaso como são tratadas, enfatizando a necessidade de uma abordagem mais justa e humanitária. Verifica-se que a descrição da paisagem árida e desolada é um reflexo da condição humana dos personagens, que lutam para sobreviver em um ambiente hostil. O romance encerra, pois, uma reflexão sobre a resiliência e a respeito da adaptação humana em face das adversidades ambientais. Em síntese, o enredo apresenta uma crítica à sociedade brasileira da época, que ignorava as necessidades e os direitos das populações rurais. A obra é uma denúncia da pobreza e da exclusão social. É um clássico da literatura brasileira, que continua a ser relevante hoje em dia. Sendo assim, a leitura de "Vidas Secas" para discentes dos anos finais do ensino fundamental (9º ano) e do ensino médio (1º, 2º e 3º) constitui-se numa experiência enriquecedora e desafiadora.

Já no que se refere à ecocrítica, o livro "The Ecocriticism Reader" (O Leitor de Ecocrítica) de Glotfelty (1996) é uma obra fundamental. O autor define o termo como o estudo da relação entre a literatura e o meio ambiente, reúne ensaios que exploram a representação da natureza na literatura e destaca a importância da interdisciplinaridade na análise dessa relação. Glotfelty argumenta que a ecocrítica ajuda a promover a conscientização ambiental e enfatiza a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva sobre a relação entre humanos e não-humanos. Em suma, esta obra busca estabelecer a ecocrítica como um campo de estudo legítimo e importante, demonstrando sua aplicabilidade a diferentes gêneros literários e períodos históricos. É ela considerada um marco importante no desenvolvimento da ecocrítica.

Outra obra de real importância para as discussões que se deseja propiciar é o livro "Em Busca da Consciência na Escrita da Natureza Americana" (Seeking Awareness in American Nature Writing) de Slovic (1992), que explora a relação entre a natureza e a escrita nos EUA, analisando obras de Henry Thoreau, Annie Dillard, Edward Abbey, Wendell Berry e Barry Lopez. Slovic, então, além de destacar a diversidade de perspectivas sobre a natureza na literatura americana, já que busca entender como os escritores americanos abordam a natureza em suas obras, enfatizando a importância da experiência pessoal na formação da consciência ambiental e analisando como os escritores usam a linguagem para descrever a natureza e sua relação com ela; evidencia a importância da consciência ambiental na literatura e argumenta que a escrita sobre a

natureza enseja a reflexão sobre a relação entre humanos e meio ambiente, isto é, que a literatura pode ser uma ferramenta para promover a consciência ambiental e a mudança social.

No cenário brasileiro, algumas contribuições são relevantes para a nossa pesquisa, a saber:

Da Silva e Da Silva (2023), ao analisarem a obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos sob a perspectiva ecocrítica, revelam a profunda interconexão entre o homem e a natureza, destacando a dependência do ser humano em relação ao meio ambiente e a importância do respeito e da harmonia com a natureza para a sobrevivência. Ao explorar essa relação, a obra permite não apenas refletir sobre as atuais relações entre homem e natureza, evidenciando a disparidade entre seres humanos e animais; mas também pode levar o leitor a repensar sua própria relação com o meio ambiente, promovendo uma nova visão sobre a interdependência entre homem e natureza.

Florêncio, Santos e Alves (2021), na análise a respeito do drama da desumanização em "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, investigam como a carência de linguagem promove a animalização do homem, levando à solidão e ao isolamento social. Com base nos estudos de Holanda (1992), Melo (2005) e Protez e Menon (2008), que destacam as práticas de exclusão como elemento de exploração social, a referida análise se concentra na relação entre silenciamento e opressão. Utilizando uma metodologia de revisão bibliográfica e interpretação literária, defendem os pesquisadores a ideia de que os silenciamentos são impostos pelos ambientes social e geográfico da narrativa, resultando na ausência de linguagem e na normalização da opressão. Os resultados mostram que a ausência de fala é determinante para a condição de seres explorados e oprimidos, constituindo uma esfera de continuidade. Constatam que, ao final da narrativa, surgem perspectivas de esperança e de uma vida melhor, evidenciando-se diferenças entre humanos e animais. Destacam que o romance aborda três aspectos fundamentais: o regional, o social e o psicológico. No âmbito regional, descreve a miséria do mundo físico e as forças da natureza que afetam o homem desprotegido. Sob a perspectiva social, promove uma denúncia sobre a opressão e as relações de poder. Já no aspecto psicológico, surge como marca da existência, mostrando que a repressão tem consequências profundas, levando à constituição de indivíduos marcados pela introspecção. Atestam que a introspecção dos personagens é uma característica marcante que revela o interior dos

personagens, incluindo seus sonhos, desejos, pensamentos e ética. Ou seja, destacam que a obra apresenta uma visão profunda da realidade, sendo a miséria e a opressão os temas centrais, mas sempre partindo do pressuposto de que é a natureza um elemento importante. Concluem que ela encerra uma crítica social e psicológica, tendo em vista que mostra a complexidade da existência humana, já que é uma reflexão sobre a condição humana.

Oliveri-Giglioli (2010), no artigo "A importância da ecocrítica na literatura brasileira contemporânea", destaca a relevância da ecocrítica para a análise da literatura brasileira contemporânea, argumentando que essa abordagem crítica é fundamental para entender como os autores brasileiros abordam temas relacionados à natureza e ao meio ambiente em suas obras. A autora enfatiza a importância de se considerar a relação entre a literatura e o contexto ambiental e social em que as obras são produzidas, sugerindo que a ecocrítica ajuda a promover uma maior conscientização sobre os problemas ambientais e a ressaltar a importância da sustentabilidade. Segundo ela, a combinação de diferentes áreas de conhecimento, como a literatura, a ecologia e a filosofia, pode enriquecer a nossa compreensão da relação entre o ser humano e o meio ambiente. Percebe-se que a ecocrítica nos permite analisar como a literatura reflete e influencia a nossa percepção do meio ambiente, enquanto a escrita da natureza nos permite explorar a complexidade das relações entre o ser humano e o mundo natural. Ao reunir essas áreas, verificamos que podemos desenvolver uma compreensão mais profunda da complexidade das questões ambientais e inspirar mudanças de comportamento e conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente. Para Oliveri-Giglioli, a ecocrítica e a literatura podem ser ferramentas poderosas para fomentar a sustentabilidade e a responsabilidade ambiental. Depreende-se que, ao explorar os desafios que essas áreas representam, conseguimos desenvolver estratégias eficazes para promover a conscientização ambiental e inspirar mudanças de comportamento. A escrita da natureza pode, portanto, ser um instrumento valioso para inspirar ações sustentáveis e promover a preservação do meio ambiente.

Concorda-se, entretanto, que a ecocrítica oferece uma oportunidade única para explorar a complexidade das relações entre o ser humano e o meio ambiente. Ao reunir diferentes áreas de conhecimento, como a literatura, a ecologia e a filosofia, podemos desenvolver uma compreensão mais profunda da complexidade das questões ambientais.

A escrita sobre a natureza vem a ser um instrumento eficaz para comunicar a importância da preservação do meio ambiente e inspirar ações sustentáveis. Além disso, a ecocrítica nos ajuda a entender que é possível fazer uso da literatura para promover a conscientização ambiental e assim inspirar mudanças de comportamento. Ao explorar os desafios que essas áreas representam, podemos desenvolver estratégias eficazes para promover a sustentabilidade e a responsabilidade ambiental. Constata-se que a combinação de descrição literária, história, ecologia natural científica, argumento filosófico, análise cultural e memórias pessoais enriquece a nossa compreensão da experiência humana no contexto do meio ambiente.

Verifica-se que a obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos oferece uma oportunidade única para explorar a relação entre o ser humano e o meio ambiente no contexto da seca no Nordeste brasileiro. A obra do referido autor é uma representação poderosa da luta pela sobrevivência em um ambiente hostil e árido, onde a seca e a pobreza assolam a vida dos personagens. A ecocrítica nos permite analisar como a obra reflete a degradação ambiental e a relação entre o ser humano e a natureza, destacando a importância da conscientização sobre a questão ambiental. Além disso, o romance de Graciliano Ramos pode ser visto como uma crítica à exploração e ao descaso com que as populações rurais são tratadas, enfatizando a necessidade de uma abordagem mais sustentável e justa em relação ao meio ambiente.

Observa-se, pois, que a integração da ecocrítica com a BNCC pode contribuir para uma abordagem mais eficaz e interdisciplinar no ensino da literatura e das questões ambientais. A análise ecocrítica da obra "Vidas Secas" pode, portanto, ser utilizada para promover a conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente e a necessidade de uma abordagem mais sustentável em relação às questões ambientais, alinhada com os objetivos da BNCC. Isso pode ajudar a desenvolver habilidades e competências nos alunos, como a análise crítica e a reflexão sobre as questões ambientais, bem como a promover uma abordagem mais responsável e sustentável em relação ao meio ambiente.

Ressalta-se que a obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos é extremamente relevante no século XXI devido à sua abordagem de temas como a seca, a desertificação e a relação entre o ser humano e o meio ambiente. Essas questões são fundamentais no contexto das mudanças climáticas e da crise ambiental atual, tornando a obra uma

ferramenta valiosa para promover a conscientização e a reflexão sobre a importância da preservação do meio ambiente. Além disso, a narrativa destaca a pobreza, a exclusão social e a falta de acesso a recursos básicos, questões que continuam a ser relevantes no Brasil e em outros países.

Ademais a obra "Vidas Secas" também é importante no contexto educacional, possibilitando um diálogo entre o ensino e a aprendizagem, pois pode ser utilizada para desenvolver habilidades críticas e reflexivas nos alunos, permitindo que eles analisem e interpretem a realidade social e ambiental. A leitura da obra pode promover a conscientização sobre questões sociais e ambientais, inspirando mudanças e ações nos alunos. Inclusive a nossa proposta de trabalho consiste em promover o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de alunos do 9º ano e do ensino médio através da leitura e da análise não só do livro "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, como também de outras obras artísticas que retratam a mesma temática, como a pintura "Os Retirantes" de Cândido Portinari, a música "Asa Branca" de Luiz Gonzaga, o poema em cordel "A triste Partida" de Patativa do Assaré e o curta-metragem de animação "Vida Maria" de Márcio Ramos. Para tanto, serão aplicadas atividades de compreensão dos capítulos e de identificação de pontos de contato entre as obras, tais como: produções de textos; apresentações orais, musicais e teatrais; desenhos artísticos, visando resgatar e valorizar a cultura nordestina e preparar os alunos para o exercício da cidadania.

A ecocrítica e a interdisciplinaridade podem ser ferramentas valiosas na escola da educação básica para promover a conscientização ambiental e inspirar mudanças de comportamento nos alunos. Ao integrar a ecocrítica em diferentes disciplinas, como literatura, ciências, geografia e história, os professores podem ajudar os alunos a desenvolver uma compreensão mais profunda da relação entre o ser humano e o meio ambiente. Isso pode contribuir para formar cidadãos mais conscientes e responsáveis em relação ao meio ambiente, capazes de lidar com os desafios ambientais do século XXI.

METODOLOGIA

A pesquisa-ação é uma abordagem valiosa para promover mudanças positivas e eficazes em diferentes contextos e tem sido estudada e desenvolvida por vários autores

importantes. Kurt Lewin, considerado um dos fundadores deste tipo de pesquisa, destacou a importância da participação ativa dos atores envolvidos no processo de mudança. Outros autores importantes, como Thiollent, enfatizaram a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva na pesquisa-ação; enquanto Stephen Kemmis e Robin McTaggart destacaram a importância da colaboração e da participação democrática no processo de pesquisa-ação. Esses autores, entre outros, contribuíram para o desenvolvimento desta como uma abordagem eficaz para promover mudanças positivas e eficazes em diferentes contextos.

Sabe-se que a pesquisa-ação é um termo que tem sido aplicado de maneira vaga a qualquer tipo de tentativa de melhora ou de investigação da prática, conforme argumenta Tripp (2005). No entanto, o autor defende que a pesquisa-ação deve ser encarada como uma das muitas diferentes formas de investigação-ação, que é definida como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar esta prática. Ele destaca a importância da teoria na pesquisa-ação e descreve as características distintivas do processo. O ciclo da pesquisa-ação é um aspecto fundamental, precedido por um relato do modo pelo qual esse tipo de pesquisa se situa entre a prática rotineira e a pesquisa acadêmica. Ou seja, é uma ferramenta valiosa para melhorar a prática.

Na nossa pesquisa, dar-se-á ênfase às contribuições de Thiollent (1985) devido à boa aceitação das ideias desse pesquisador no território brasileiro. É importante ressaltar que a pesquisa-ação é flexível e adaptável, permitindo ajustes e mudanças ao longo do caminho; além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências dos atores envolvidos, incluindo a capacidade de reflexão crítica e resolução de problemas. Ela empodera os atores, dando-lhes voz para mudar sua própria realidade. Verifica-se que tem relevância prática imediata, pois busca resolver problemas reais e melhorar a prática. Ademais a colaboração entre diferentes atores é fomentada, levando a resultados mais eficazes e sustentáveis, assim como promovendo-se o aprendizado contínuo e a reflexão crítica. Com isso, tem-se um impacto positivo significativo na vida das pessoas e na sociedade, contribuindo-se para a resolução de problemas e para a melhoria da qualidade de vida. Assim, trata-se de uma ferramenta poderosa para promover mudanças assertivas e eficazes em diferentes contextos, não só valorizando a experiência e o conhecimento dos atores envolvidos, como também produzindo conhecimento prático e relevante que pode contribuir para a transformação de práticas e políticas.

PROCEDIMENTOS:

1. **Diagnóstico:** Realizar um diagnóstico da realidade das escolas quilombolas, identificando as necessidades e desafios enfrentados pelos alunos e professores.
2. **Planejamento:** Planejar a pesquisa-ação em conjunto com os professores e alunos, definindo os objetivos, métodos e instrumentos de coleta de dados.
3. **Coleta de dados:** Coletar dados por meio de:
 - Observações de sala de aula
 - Entrevistas com professores e alunos
 - Questionários
 - Análise de documentos
4. **Análise e interpretação:** Analisar e interpretar os dados coletados, identificando as necessidades e desafios enfrentados pelos alunos e professores.
5. **Intervenção:** Desenvolver e implementar uma proposta de intervenção para melhorar o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.
6. **Avaliação:** Avaliar a eficácia da intervenção e identificar as mudanças necessárias.

Participantes:

- Alunos de nono ano e do ensino médio de escolas quilombolas do território baiano.
- Professores das escolas quilombolas.
- Discentes do curso de Letras, UNEB, campus I.
- Mestrandas do Programa PPGIES/UNEB.

Análise de dados:

- Análise qualitativa dos dados coletados.
- Identificação de padrões e temas emergentes.

Considerações éticas:

- Respeito à autonomia e privacidade dos participantes.

- Obtenção de consentimento informado dos participantes.

- Garantia de anonimato e confidencialidade dos dados.

Essa é uma proposta geral e pode ser adaptada às necessidades específicas da pesquisa. É importante lembrar que a pesquisa-ação é um processo dinâmico e flexível, e pode exigir ajustes ao longo do caminho.

RESULTADOS ESPERADOS

A ecocrítica e a literatura brasileira podem ser ferramentas valiosas para promover a conscientização e a reflexão sobre questões ambientais e sociais em escolas públicas quilombolas. Quanto à obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, é um exemplo de como a literatura pode ser utilizada para abordar temas como a seca, a pobreza e a exclusão social.

Sendo assim, com a implementação de práticas pedagógicas que integrem a ecocrítica e a literatura brasileira na escola pública quilombola, espera-se o desenvolvimento por parte dos alunos de uma maior conscientização sobre as questões ambientais e sociais que afetam suas comunidades. Ou seja, espera-se:

- a formação de alunos críticos e conscientes de suas responsabilidades ambientais e sociais;
- a promoção da educação ambiental e da justiça social;
- a valorização da identidade cultural e ambiental das comunidades quilombolas;
- a formação de agentes de mudança capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Ou seja, a escola pública quilombola pode se tornar um espaço de transformação e de mudança social, onde os alunos sejam capazes de refletir sobre a importância da preservação do meio ambiente e da cultura quilombola.

CRONOGRAMA:

Abril 2025 : Planejamento e preparação

- Definição do tema e objetivos da pesquisa.
- Revisão bibliográfica sobre a obra "Vidas Secas" e a educação quilombola.
- Contato com a escola quilombola e obtenção de autorização para a pesquisa.
- Definição da metodologia e instrumentos de coleta de dados.

Maio 2025: Coleta de dados

- Observação de aulas de literatura na escola quilombola.
- Entrevistas com professores e alunos.
- Aplicação de questionários.
- Coleta de dados adicionais (fotos, vídeos, etc.).

Junho 2025: Análise e interpretação dos dados

- Análise dos dados coletados.
- Identificação de padrões e tendências.
- Interpretação dos resultados à luz da teoria e da literatura.

Julho 2025 : Elaboração do relatório de pesquisa

- Redação do relatório de pesquisa.
- Inclusão de tabelas, gráficos e imagens.
- Revisão e edição do texto.

Agosto 2025: Divulgação dos resultados

- Apresentação dos resultados em um seminário numa escola quilombola.
- Publicação (do relatório de pesquisa) em uma revista ou livro.
- Devolução dos resultados para a escola quilombola e comunidade.

Setembro 2025: Avaliação e reflexão

- Avaliação do impacto da pesquisa na escola quilombola e comunidade.
- Reflexão sobre o processo de pesquisa e os resultados obtidos.
- Identificação de áreas para futuras pesquisas e intervenções.

Destaca-se, porém, que esse é apenas um exemplo de cronograma e pode ser adaptado às necessidades específicas da pesquisa. É importante lembrar que a pesquisa deve ser realizada de forma ética e respeitosa, com a participação ativa da comunidade quilombola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

COUTO, Tairone Acácio; VITORINO, César Costa. Formação de professores de língua portuguesa para o contexto escolar quilombola, a pedagogia social e as políticas públicas. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 16, n. 1, 19 dez. 2023.

DA SILVA, Abnadab Marinho; DA SILVA, Josivaldo Custódio. Análise do romance vidas secas, de Graciliano Ramos, a partir da ecocrítica. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 3, n. 9, p. 14346–14364, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N9-046. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1659>. Acesso em: 3 maio. 2025.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos; ALVES, Maria Aparecida. A desumanização dos personagens de “vidas secas” como elemento da

exploração social. **Afluente**: Revista de Letras e Linguística, v. 6, n. 17, p. 333–348, 26 Jan 2021 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/15066>. Acesso em: 3 mai. 2025.

GLOTFELTY, Cheryll. **The Ecocriticism Reader**: Landmarks in Literary Ecology. Athens: University of Georgia Press, 1996.

KERRIDGE, Richard. **Ecocriticism**: The New Critical Idiom. Routledge, 2013

OLIVIERI-GIGLIOLI, Rita. A importância da ecocrítica na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 35, 2010.

SLOVIC, Scott. **Seeking Awareness in American Nature Writing**: Henry Thoreau, Annie Dillard, Edward Abbey, Wendell Berry, Barry Lopez. Salt Lake City: University of Utah Press, 1992.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Editora Record, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa - ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

WEISZ, Telma. **Diálogo entre ensino e aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1994.

















ISBN 978-656009198-6



9 786560 091986

